



Co-funded by the European Union



THE LONDON SCHOOL
OF ECONOMICS AND
POLITICAL SCIENCE

EU Kids Online Portugal

**USOS, COMPETÊNCIAS, RISCOS E MEDIAÇÕES DA INTERNET
REPORTADOS POR CRIANÇAS E JOVENS (9 -17 ANOS)**

FEVEREIRO DE 2019

Cristina Ponte e Susana Batista



O inquérito Kids Online, realizado entre março e junho de 2018, foi coordenado pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e contou com o contributo da Direção Geral de Educação e da Associação DNS.PT.

Citação: Ponte, C. & Batista, S. (2019). *EU Kids Online Portugal. Usos, competências, riscos e mediações da internet reportados por crianças e jovens (9-17 anos)*. EU Kids Online e NOVA FCSH.



ÍNDICE GERAL

ÍNDICE GERAL	2
ÍNDICE DE FIGURAS.....	5
ÍNDICE DE QUADROS.....	6
SUMÁRIO EXECUTIVO	7
EXECUTIVE SUMMARY	10
1. QUEM SÃO, COMO SÃO	16
COMO AVALIAM A INTERNET	18
2. ACESSO E USO DA INTERNET	19
O ACESSO À INTERNET	19
O USO DA INTERNET	20
ATIVIDADES ONLINE.....	20
AS REDES SOCIAIS.....	22
APROXIMAÇÃO À COMUNICAÇÃO ONLINE	23
3. COMPETÊNCIAS	25
COMPETÊNCIAS INSTRUMENTAIS	25
COMPETÊNCIAS DE NAVEGAÇÃO E APRECIÇÃO CRÍTICA DA INFORMAÇÃO	25
COMPETÊNCIAS SOCIAIS	27
COMPETÊNCIAS CRIATIVAS.....	27
COMPETÊNCIAS ASSOCIADAS A MEIOS DIGITAIS MÓVEIS	28
A ALFABETIZAÇÃO DIGITAL EM SÍNTESE.....	28
4. RISCOS E DANOS	30
A RESPOSTA AO RISCO.....	31
5. BULLYING	34
6. PORNOGRAFIA	37
7. SEXTING	39
8. ENCONTROS COM PESSOAS QUE CONHECERAM ONLINE	41
9. OUTROS RISCOS	44
CONTEÚDOS NEGATIVOS GERADOS POR UTILIZADORES	44
MAU USO DE DADOS PESSOAIS E OUTROS RISCOS.....	45
SHARENTING: PARTILHAS POR PAIS, AMIGOS, PROFESSORES.....	46

DATAFICAÇÃO E VIGILÂNCIA	47
USO EXCESSIVO DA INTERNET	47
10. A FAMÍLIA.....	49
AMBIENTE E INTERVENÇÃO FAMILIAR	49
A MEDIAÇÃO CAPACITANTE	50
A MEDIAÇÃO 'DE BAIXO'	51
A MEDIAÇÃO RESTRITIVA.....	51
OS FILHOS.....	53
11. A ESCOLA, O GRUPO DE PARES, A COMUNIDADE	54
O CONTEXTO ESCOLAR.....	54
A MEDIAÇÃO DOS PROFESSORES.....	54
O GRUPO DE PARES.....	56
O LOCAL ONDE SE VIVE.....	57
SOBRE CONSEQUÊNCIAS DO RGPD.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60



ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1: DISTRIBUIÇÃO POR IDADES	16
FIGURA 2: A INTERNET COMO ESPAÇO DE OPORTUNIDADE, POR IDADE E GÊNERO	18
FIGURA 3: TEMPO MÉDIO ESTIMADO PASSADO NA INTERNET POR DIA, POR IDADE E GÊNERO	20
FIGURA 4: USAR REDES SOCIAIS, POR IDADE E GÊNERO (CONFRONTO 2014-2018)	23
FIGURA 5: ÍNDICE SINTÉTICO DE COMPETÊNCIAS DIGITAIS, POR IDADE E GÊNERO.....	29
FIGURA 6: EXPERIÊNCIAS NEGATIVAS NA INTERNET, POR IDADE E GÊNERO (CONFRONTO 2010, 2014 E 2018) .	31
FIGURA 7: FREQUÊNCIA DA EXPERIÊNCIA NEGATIVA NA INTERNET, POR IDADE E GÊNERO.....	31
FIGURA 8: VÍTIMAS DE BULLYING (ON- E OFFLINE) NOS ÚLTIMOS 12 MESES, POR IDADE E GÊNERO (CONFRONTO ENTRE 2010, 2014 E 2018)	34
FIGURA 9: CRIANÇAS E JOVENS ALVO DE BULLYING (ONLINE) QUE SE SENTIRAM PERTURBADAS, POR IDADE E GÊNERO	35
FIGURA 10: CRIANÇAS E JOVENS 'BULLI' (ON- E OFFLINE) NOS ÚLTIMOS DOZE MESES, POR IDADE E GÊNERO.....	36
FIGURA 11: TER VISTO IMAGENS SEXUAIS (ONLINE E OFFLINE) NOS ÚLTIMOS 12 MESES, POR IDADE E GÊNERO (CONFRONTO 2010, 2014, 2018)	37
FIGURA 12: REAÇÕES A IMAGENS SEXUAIS, POR IDADE E GÊNERO	38
FIGURA 13: RECEBER MENSAGENS SEXUAIS, POR IDADE E GÊNERO (CONFRONTO 2010, 2014, 2018)	39
FIGURA 14: FALAR NA INTERNET COM PESSOAS QUE NÃO CONHECE CARA A CARA (CONFRONTO 2010, 2014, 2018).....	41
FIGURA 15: ENCONTROS CARA A CARA COM PESSOAS QUE SE CONHECERAM NA INTERNET (CONFRONTO 2014 E 2018).....	42
FIGURA 16: REAÇÕES A ENCONTROS OFFLINE COM PESSOAS QUE CONHECERAM ONLINE, POR IDADE E GÊNERO	43
FIGURA 17: PERCEÇÕES SOBRE O USO EXCESSIVO DA INTERNET (%).....	48
FIGURA 18: IGNORAR AS REGRAS DOS PAIS, POR IDADE E GÊNERO	53
FIGURA 19: PERCEPÇÃO DE SEGURANÇA E BEM-ESTAR NO LOCAL ONDE VIVE	57

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1: ATIVIDADES MUITO FREQUENTES, POR IDADE E GÉNERO.....	16
QUADRO 2: APRECIÇÃO SOBRE SI MESMOS/AS, POR IDADE E GÉNERO.....	17
QUADRO 3: USO FREQUENTE DE DISPOSITIVOS, POR IDADE E GÉNERO.....	19
QUADRO 4: ATIVIDADES ONLINE, POR IDADE E GÉNERO.....	21
QUADRO 5: ATIVIDADES QUOTIDIANAS ONLINE (CONFRONTO 2014 - 2018).....	22
QUADRO 6: APRECIÇÃO DO CONTEXTO ONLINE.....	24
QUADRO 7: COMPETÊNCIAS INSTRUMENTAIS, POR IDADE E GÉNERO.....	25
QUADRO 8: COMPETÊNCIAS INFORMACIONAIS, POR IDADE E GÉNERO.....	25
QUADRO 9: CONFIANÇA E RECONHECIMENTO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO, POR IDADE E GÉNERO.....	26
QUADRO 10: COMPETÊNCIAS SOCIAIS, POR IDADE E GÉNERO.....	27
QUADRO 11: COMPETÊNCIAS CRIATIVAS, POR IDADE E GÉNERO.....	27
QUADRO 12: COMPETÊNCIAS ASSOCIADAS A MEIOS MÓVEIS, POR IDADE E GÉNERO.....	28
QUADRO 13: PESSOAS COM QUEM FALARAM DE EXPERIÊNCIAS NEGATIVAS NA INTERNET, POR IDADE E GÉNERO.....	32
QUADRO 14: REAÇÕES A EXPERIÊNCIAS QUE INCOMODARAM NA INTERNET, POR IDADE E GÉNERO.....	32
QUADRO 15: FREQUÊNCIA COM QUE CRIANÇAS E JOVENS FORAM ALVO DE BULLYING.....	35
QUADRO 16: MODOS COMO FORAM ALVO DE CIBERBULLYING.....	35
QUADRO 17: ONDE VIRAM IMAGENS SEXUAIS.....	38
QUADRO 18: VIRAM CONTEÚDOS NEGATIVOS GERADOS POR UTILIZADORES NOS ÚLTIMOS 12 MESES, POR IDADE (11+) E GÉNERO.....	44
QUADRO 19: OUTRAS EXPERIÊNCIAS NEGATIVAS, POR IDADE (11+) E GÉNERO.....	45
QUADRO 20: PRÁTICAS DE PARTILHA E REAÇÕES, POR IDADE E GÉNERO.....	46
QUADRO 21: PREOCUPAÇÃO COM VIGILÂNCIA DIGITAL, POR IDADE (11+) E GÉNERO.....	47
QUADRO 22: AMBIENTE FAMILIAR, POR IDADE E GÉNERO.....	49
QUADRO 23: A INTERVENÇÃO PARENTAL, POR IDADE E GÉNERO.....	50
QUADRO 24: MEDIAÇÃO CAPACITANTE POR PARTE DOS PAIS, POR IDADE E GÉNERO.....	50
QUADRO 25: A MEDIAÇÃO 'DE BAIXO', POR IDADE E GÉNERO.....	51
QUADRO 26: A MEDIAÇÃO RESTRITIVA, POR IDADE E GÉNERO.....	52
QUADRO 27: A RESTRIÇÃO TÉCNICA, POR IDADE E GÉNERO.....	52
QUADRO 28: AMBIENTE E APOIO DA ESCOLA, POR IDADE E GÉNERO.....	54
QUADRO 29: A MEDIAÇÃO DA INTERNET NA ESCOLA, POR IDADE E GÉNERO.....	55
QUADRO 30: COMPETÊNCIAS TRABALHADAS NA ESCOLA, POR IDADE (11+) E GÉNERO.....	55
QUADRO 31: APOIO DE PARES, POR IDADE E GÉNERO.....	56
QUADRO 32: MEDIAÇÃO DE AMIGOS, POR IDADE E GÉNERO.....	57
QUADRO 33: PERCEPÇÃO DE SEGURANÇA E BEM ESTAR NO LOCAL ONDE VIVE, POR IDADE E GÉNERO.....	58
QUADRO 34: CONCORDÂNCIA COM CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA RGPD, POR IDADE E GÉNERO.....	58

SUMÁRIO EXECUTIVO

Quem são, como são

As 1974 crianças e jovens (9-17 anos) que responderam a este questionário distribuem-se igualmente por género e o grupo etário dos 13-17 anos constitui 62% da amostra. Assinalam mais divertir-se e encontrarem-se com os amigos cara a cara do que na internet.

As raparigas reportam mais atividades relacionadas com estudo e ajuda nas tarefas domésticas, enquanto os rapazes reportam mais praticar desporto e atividades físicas.

No que se refere à internet como espaço de oportunidades, as opiniões dividem-se: 42% consideram a frase *há muitas coisas na internet que são boas para pessoas da minha idade* como "um pouco verdade", 30% como sendo "bastante verdade" e 21% concordam totalmente. Esta concordância plena superava a metade dos entrevistados em 2010.

Acesso e usos

Os **smartphones** tornaram-se o dispositivo hegemónico para aceder à internet: cerca de nove em dez entrevistados usa-o todos os dias, mais do dobro do uso diário de **computadores** (41%). Um quarto acede através de tablets, decrescendo esse acesso com a idade.

As **atividades** mais disseminadas entre crianças e jovens (9-17 anos) dizem respeito a **entretenimento** e **comunicação**: cerca de 80% usam a internet todos os dias para ouvir música e ver vídeos, cerca de 75% usam-na para comunicar com familiares e amigos ou para ir a redes sociais. Os jogos online são referidos por quase metade dos inquiridos

(mas por cerca de dois terços dos rapazes); 29% participam em grupos online que partilham interesses afins. Cerca de um quarto dos inquiridos usa a internet com muita frequência para ler notícias ou para fazer os trabalhos de casa. Atividades relacionadas com edição de conteúdos e com participação cívica são pouco referidas.

Competências

As competências de cariz tecnológico e relacional, nas redes sociais, são as mais referidas. Cerca de nove em dez crianças e jovens que usam a internet referem saber que informações partilhar, como remover pessoas da lista de contactos e instalar aplicações. Competências informacionais e criativas são menos assinaladas: 66% referem saber escolher as palavra-chaves para as suas pesquisas e controlar os gastos com aplicações, 62% registam saber criar e publicar vídeos ou músicas, 52% reportam saber verificar se a informação que encontraram online é verdadeira e 37% apontam saber fazer edição de conteúdos criados por outros.

Riscos e danos

Quase um quarto (23%) das crianças e jovens viveram no último ano **situações na internet que incomodaram ou perturbaram**. Em relação a 2014, esse valor mais do que duplicou. O maior crescimento aconteceu entre os mais novos (**9-10 anos**): passou de **3% em 2014** para **25% em 2018**.

O **bullying** continua a ser a situação que mais incomoda. Os valores relativos a **bullying**, online e offline (**24% em 2018**) no último ano mais do que duplicaram em relação a 2014 (eram 10%). 44% dos mais novos ficaram muito incomodados ou perturbados, o valor mais elevado por idade. A percentagem de raparigas que reportam terem ficado

perturbadas (44%) duplica a dos rapazes (22%).

O bullying por **meios tecnológicos** é mais referido do que o bullying cara a cara. A agressão mais reportada é **receber mensagens digitais que magoam** (64%). Praticar bullying (17%) é mais reportado por rapazes e por adolescentes.

A exposição a **conteúdos de cariz sexual** foi assinalada por **37%** das crianças e jovens. Ver conteúdos de cariz sexual acontece mais entre adolescentes: 41% entre os 13-14 anos; 59% nos 15-17 anos.

As reações mais comuns são a **indiferença** (49%) e **ficar contente** (31%), com significativas variações por género: ficar contente é referido por 47% dos rapazes e por 8% das raparigas que viram estas imagens.

Os **sentimentos negativos** relativos a essas imagens decrescem com a idade: 24% dos que têm 9-10 anos, 12% dos que têm 11-12 anos e 6% dos que têm 15-17 anos responderam ter ficado muito aborrecidos.

Conhecer novas pessoas na internet tem sido uma das maiores preocupações por parte de adultos relativamente aos mais novos. Para adolescentes, contudo, esta é uma oportunidade para alargar laços sociais: **71% entre os 15-17 anos e 62% entre os 13-14 anos contactaram com pessoas que não conheciam cara a cara**, sem diferenças de género.

Também sem diferenças de género, **44%** dos inquiridos **encontraram-se cara a cara** com pessoas que conheceram na internet. Quase metade dos adolescentes reportou esses encontros e cerca de um terço dos entrevistados mais novos também.

A reação destacada sobre esse momento, mais expressa por raparigas, foi **ficar contente (79%)**. Por sua vez, **19%** não ficaram **nem contentes nem perturbados**; **2%** (sobretudo entre os 9-10 anos) **ficaram perturbados**.

Cerca de um quarto (26%) dos entrevistados com 11 e mais anos reportaram ter recebido ou enviado no último ano mensagens com conteúdos sexuais (**sexting**). Os mais velhos, de 15-17 anos (37%), e rapazes (30%) foram quem mais referiu ter recebido essas mensagens; **6% enviaram mensagens com conteúdos sexuais**, novamente mais entre os mais velhos e sem diferenças significativas de género.

A exposição a **conteúdos negativos gerados pelo utilizador** apresenta valores elevados em 2018: **46%** entre os 11-17 anos viu sites com **imagens nojentas ou violentas** contra pessoas e animais; **45%** viu sites onde se falava de **auto-mutilação**; **43%** viu sites com **mensagens de ódio contra certos grupos e indivíduos** pela sua raça, religião, nacionalidade ou sexualidade diferente da maioria. Também foram muito reportados conteúdos como **consumo de drogas (35%)**, **incitação à anorexia (32%)**, ou **formas de cometer suicídio (29%)**.

A exposição a todos estes conteúdos negativos cresce com a idade. Uma acentuada diferença de género ocorre nos sites com informações sobre como emagrecer, apontados por 36% de raparigas e por 25% de rapazes.

Os dispositivos apanharem **virus** (17%) e **riscos comerciais** (9%) são muito mais apontados por rapazes do que por raparigas.

A publicação de videos, fotos ou textos pelos pais (**sharenting**) sem pedir consentimento é assinalada por 28%. Destes, metade pediu aos pais para apagarem publicações e mais de um quarto recebeu comentários ofensivos e negativos devido a esses conteúdos.

Quanto a um **uso excessivo da internet**, as respostas dos entrevistados (11-17 anos) destacam que **algumas vezes** ficam **aborrecidos** por não poderem estar online (**60%**) e dão por si a **usar a internet sem um propósito definido (46%)**. Entretanto **11%** assinalam que lhes acontece **com muita frequência deixarem de estudar** e passarem

menos tempo com a família e com os amigos por causa da internet.

As respostas ao risco

- **22%** das crianças e jovens de 9-17 anos **não falaram com ninguém** sobre situações na internet que incomodaram ou perturbaram.
- **Amigos da mesma idade (42%) e pais (33%) são a principal fonte de apoio** quando ocorre uma experiência negativa.
- As **respostas mais frequentes** a situações de incómodo por via de contactos indesejados ou agressivos nas redes sociais **cobrem estratégias ativas**, como bloquear o contacto dessa pessoa (33%), **e estratégias passivas**, como ignorar o problema e esperar que ele se resolva por si (33%) ou fechar a janela e a aplicação (25%).
- Apenas **12% mudaram as suas definições de privacidade** após uma situação negativa, e **11% reportaram o problema online**.
- As **raparigas** apresentaram valores mais elevados de **intervenção activa** do que os rapazes.

Mediações

Os **ambientes familiares** são apontados pela grande maioria das crianças e jovens portugueses como espaços onde se sentem em segurança e apoiados. Contudo, apenas cerca de um terço regista de modo convicto que são ouvidos com atenção pela família.

A mediação da internet por parte dos pais incide mais em dar conselhos sobre como a usar em segurança e em ajudar quando algo incomoda - expressa por quase metade dos inquiridos - do que em conversar sobre atividades (cerca de um terço) ou no incentivo

à exploração e aprendizagens, expressa por um quinto. Há significativas variações por idade e género. As raparigas são mais alvo de atenção familiar do que os rapazes e também são quem mais procura o apoio familiar quando encontram problemas na internet.

Por sua vez formas de mediação restritiva e de mediação técnica, como o uso de filtros, registaram valores bastante baixos, estando mais presentes entre os internautas mais novos (9-12 anos).

A **escola** apresenta-se também como um espaço integrador para a maioria dos inquiridos, que referem bom relacionamento com colegas e professores. A **mediação frequente** por parte dos professores no que se refere à segurança e à aquisição de competências sociais, comunicacionais e informacionais na internet é apontada por cerca de **um terço**.

Os **amigos**, para além de serem aqueles a quem as crianças e jovens mais recorrem em situações de desconforto na internet, podem ser também mediadores no dia a dia: cerca de um quinto dos internautas refere ter contado ativamente com o seu incentivo e ajuda nas suas atividades online.

O **local** onde vivem é reconhecido por 90% como sendo seguro. Cerca de três quartos (74%) considera que as crianças podem brincar na rua, durante o dia. A confiança nas pessoas que vivem à sua volta é apontada por 63%

Por fim, as respostas das crianças e jovens portugueses relativas às consequências do **Regulamento Geral da Proteção de Dados** no que se refere a menores de 16 anos terem de obter consentimento parental para fazerem uso de redes sociais e outras aplicações articulam tanto **preocupações relativas ao manejo da sua privacidade** como a vontade de poderem **beneficiar de conselhos dos pais**.

EXECUTIVE SUMMARY

The **1974** children who answered this questionnaire are equally distributed by gender, and the 13-17 age group constitute 62% of the sample.

Regarding their everyday, they point out that they have more fun and meet face-to-face friends offline than they do online. Girls report more activities related with studying and helping in household chores, while boys report more practicing sports and physical activities.

21% fully agree that the internet is a space of opportunities. This rate is half of the one given by children interviewed in 2010.

Access and use

Smartphones are the device most used everyday (87%), more than twice the rate reached by **computers** (41%). They reach 57% of the aged 9-10, 83% among the 11-12 and 95% among the oldest. The use of **tablets** (25%) decreases with age.

The most widespread **activities** among children concern **entertainment** and **communication**: about 80% use the internet every day for listening to music and watching videos. About 75% use it to communicate with family and friends or spending time on social media. Online games are reported by almost half of the respondents (about two-thirds are boys); 29% participate in online groups that share similar interests. About a quarter of respondents use the internet very often to read the news or to get help with homework. Activities related to content editing and civic participation are little mentioned.

Competences

Technological and relational competences used in social networking sites are the most mentioned. About nine in ten children and young people using the internet report knowing what information to share, how to remove people from the contact list, and installing applications. Informational and creative competences are less mentioned: 66% say they know how to choose keywords for their searches and how to control expenditure on applications, 62% know how to create and publish videos or music online, 52% reported on how to verify if the information they found online is true and 37% say they know how to edit content created by others.

Risks and harms

Almost a quarter (23%) of the Portuguese children and young people have lived in the last year **situations on the Internet that bothered or disturbed them.** Compared to 2014, this number more than doubled. The biggest growth occurred among the youngest (**9-10 years**): from **3% in 2014 to 25% in 2018.**

Bullying continues to be the most bothering situation. Bullying numbers, online and offline, (**24% in 2018**) in the last year more than doubled when compared to 2014 (10%). 44% of the aged 9-10 were very bothered or disturbed, the highest value by age. The percentage of girls reporting that they were disturbed (44%) doubled that of boys (22%).

Bullying by **technological means** is more mentioned than bullying face to face. The most reported aggression is to **receive digital messages that hurt** (64%). To do bullying (17%) is more commonly reported by boys and adolescents.

Exposure to **sexual content** was reported by **37%** of children and young people. Seeing sexual content is more frequent among

adolescents: 41% between 13-14 years old; 59% between 15-17 years old.

The most common reactions are **indifference** (49%) and **contentment** (31%), with significant variations by gender: being content is referred by 47% of boys and 8% of girls who saw these images.

The **negative feelings** about these images decrease with age: 24% of those who are 9-10 years old, 12% of those who are 11-12 years old and 6% of those who are 15-17 years old have reported being very upset.

Young people **meeting new people** on the internet has been a major concern for adults. For adolescents, however, this is mainly seen as an opportunity to widen social ties: **71% between 15-17 years and 62% between 13 and 14 years of age contacted people they did not know face to face**, with no gender differences.

Without gender differences, **44%** of respondents met **face to face** with people they met online. Almost half of the adolescents reported having these encounters and about a third of the younger respondents as well.

The reaction highlighted concerning that moment, more expressed by girls, was **to be content (79%)**. In turn, **19%** were **neither content nor disturbed; 2%** (especially 9-10 years old) **were disturbed**.

About one-quarter (26%) of respondents aged 11 and over reported having received or sent **sexting** messages in the past year. The older, aged 15-17 years (37%), and the boys (30%) were the ones who reported having received these messages. Having **sent messages with sexual content (6%)** was more reported by adolescents, without significant gender differences.

Exposure to **negative content generated by the user** appears high in 2018: **46%** of 11-17 years old found sites with **disgusting or violent images** of people and animals; **45%**

saw sites that spoke of **self-mutilation; 43%** saw sites with **hate messages against certain groups and individuals** because of their race, religion, nationality or sexual orientation. Also reported were **drug use (35%), incitement to anorexia (32%), or ways to commit suicide (29%)**.

Exposure to all this negative content increases with age. Gender differences stand out in respect to websites with information on how to lose weight, mentioned by 36% of girls and 25% of boys.

Viruses are reported by 17%, and 9% refer to **commercial risks**. Both situations are much more reported by boys.

The publication of videos, images and texts by the parents (**sharenting**) without asking them if they agree, reaches 28%. Of these, half asked parents to delete publications and more than one out of four had negative or offensive comments due to these contents.

As for an **excessive use of the internet**, respondents (11-17 years old) point out that **sometimes** they get **annoyed** when they can not be online (**60%**) and find themselves **using the Internet without a clear purpose (46%)**. Moreover, **11%** said that they **very often neglect study** and spent **less time with family and friends** due the internet.

Responding to risk

- **22%** of children and young people aged 9-17 **have not talked to anyone** about Internet situations that have bothered or disturbed them.
- **Friends of the same age (42%) and parents (33%) are the main sources of support** when a negative experience occurs.
- The **most frequent responses** to bothering situations through unwanted or

aggressive interaction in social media **cover both active strategies**, such as blocking the person (33%), **and passive strategies**, such as ignoring the problem and waiting for it to go away on its own (33%) or close the window and the application (25%).

- Only **12% changed their privacy settings** after a negative event, and **11% reported the problem online**.
- **Girls** show higher values of **active intervention** than boys.

Mediation

The vast majority of Portuguese children and young people point the **family's home** as a place where they feel safe and supported. However, only about one-third were convinced of being listened to with attention by their family.

Parental mediation of the internet is more about giving advice on how to use it safely and helping when something bothers –expressed by almost half of the respondents – rather than talking about activities (about one third) or encouraging exploration and learning, expressed by a fifth. There are significant variations by age and gender. Girls are more targeted by family's attention than boys and are also the ones who mostly look for family's support when they encounter problems on the internet.

Forms of restrictive and technical mediation, such as the use of filters, presented very low values, being more used with younger internet users (9-12 years old).

The majority of respondents seem to be well integrated at the **school**, since they report having good relationships with colleagues and teachers.

Frequent internet mediation by teachers - about online safety and the acquisition of social, communicational and informational skills - is pointed out by about **one-third**.

Introdução

O contexto do estudo

As crianças e os jovens de hoje estão a crescer em ambientes de convergência mediática (Livingstone, 2009; Ito et al., 2010). A experiência digital acentuou-se com o uso de *smartphones* e *tablets* a que se vieram juntar relógios *smart*, monitores de atividade física e outros recursos digitais incluindo brinquedos que fazem parte da *Internet das Coisas* (Mascheroni & Holloway 2017). A um ritmo acelerado, surgem novos serviços e novas funcionalidades.

A internet, as redes sociais e os meios móveis são parte integrante da vida quotidiana de crianças e jovens portugueses, que vivem em lares com recursos tecnológicos digitais (Ponte, Simões, Batista, Castro e Jorge, 2017). Estas tecnologias e plataformas são recursos para aprendizagens, participação e criatividade, mas colocam também desafios às crianças e jovens, aos pais, professores, profissionais que com eles lidam bem como a indústrias e a responsáveis por políticas de bem-estar e de segurança.

A avaliação dos benefícios e riscos das atividades digitais depende de muitos fatores. A pesquisa EU Kids Online demonstrou que oportunidades e riscos da internet andam a par, na lógica de *quanto mais, tanto mais*: quanto mais os jovens usam a internet, tanto mais beneficiam das oportunidades, adquirem competências, e estão expostos a riscos (Livingstone et al., 2011).

Esta exposição a riscos não conduz necessariamente a danos: para muitos jovens, como acontece com os riscos *offline*, o contacto online com conteúdos e situações de comunicação arriscada pode levar a resiliência ao risco, ou seja, a ter mais capacidade para afrontar e gerir situações de perigo.

EU Kids Online

A rede EU Kids Online é reconhecida a nível internacional como fonte geradora de dados de elevada qualidade e comparabilidade no que se refere a oportunidades e riscos da internet para crianças e jovens europeus.

Reunindo 33 países, a rede apresenta uma perspetiva multidisciplinar e multi metodológica sobre a segurança na internet. O impacto da rede EU Kids Online assenta na solidez da sua experiência de quase dez anos de investigação.

Em **2010, EU Kids Online inquiriu 25.142 rapazes e raparigas de 9-16 anos e seus pais em 25 países europeus, incluindo Portugal** (Livingstone et al., 2011; Ponte et al., 2012). O estudo foi então financiado pelo Programa Safer Internet (hoje Better Internet for Kids, BIK).

Em **2013-2014** foi realizado um novo estudo, **Net Children Go Mobile**, parcialmente financiado pelo Programa Safer Internet, cujo questionário incluiu questões sobre o *smartphone* e o *tablet*, entretanto surgidos. O estudo foi realizado em **sete países** - Bélgica, Dinamarca, Irlanda, Itália, Portugal, Reino Unido e Roménia -, reunindo uma amostra de cerca de **3500 entrevistados de 9-16 anos** (resultados disponíveis em Mascheroni & Ólafsson, 2014). A participação de Portugal neste estudo teve financiamento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e dele resultou um relatório nacional (Simões et al., 2014).

No biénio **2017-2018** decorreu um novo inquérito EU Kids Online, em vários países europeus, com cada país a ter de encontrar financiamento nacional. Em Portugal, a pesquisa, coordenada por Cristina Ponte, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH) foi financiada pela Associação DNS.PT e contou com o apoio logístico da Direção Geral de Educação.

Metodologia

Muitas mudanças ocorreram desde o inquérito de 2010, assinalam Mascheroni e Ólafsson (2018):

- *Novas tecnologias e ambientes mediáticos:* com a difusão de dispositivos móveis e da Internet das Coisas, emergiram novas práticas sociais para crianças e jovens.
- *O contexto da pesquisa:* neste questionário foram consideradas novas questões sobre riscos e oportunidades da internet para crianças e jovens. Algumas questões já tinham surgido nos questionários Net Children Go Mobile e Global Kids Online, que se basearam no questionário de EU Kids Online de 2010, mas outras são novas.
- *O nível de conhecimento:* pela análise e publicação de resultados, a rede identificou possíveis lacunas na metodologia e conclusões.
- *O contexto social:* o crescimento do discurso de ódio (*hate speech*) e de comportamentos agressivos na rede alimentam um clima radicalizado de opinião.

Assim, a rede EU Kids Online procedeu a uma revisão do questionário a fim de:

- Permitir **comparar indicadores no tempo**, de modo a identificar mudanças mais relevantes nas práticas online de crianças e jovens.
- Permitir **comparar a experiência online de crianças e jovens a nível europeu**, de modo a ser possível identificar semelhanças e diferenças entre países.
- Incluir as principais **inovações da tecnologia e de serviços/plataformas** de modo a apresentar resultados atualizados sobre o ambiente mediático contemporâneo.

- Registrar **desenvolvimentos sociais relevantes**, como o papel das redes sociais na difusão do extremismo político e religioso.

O questionário revisto contém as seguintes secções:

- *Caraterísticas individuais:* variáveis socio-demográficas, psicológicas e de contexto - por exemplo, riscos offline. Introduziram-se novas escalas, entretanto testadas, nestes indicadores.
- *Uso da internet:* acesso, uso, tecnologia, plataformas, contexto de uso. Estas questões exigem atualização constante devido à difusão de novos dispositivos para acesso à internet.
- *Atividades online:* Esta parte foi trabalhada para equilibrar riscos com oportunidades da Internet.
- *Competências e literacia digital:* foram introduzidas novas abordagens para medir competências digitais e resultados tangíveis em termos de inclusão social e de cidadania.
- *Riscos e danos:* bullying, pornografia, sexting, contactos com estranhos, conteúdos negativos gerados pelo utilizador. Esta versão inclui ainda novos riscos relativamente à de 2010: riscos relacionados com privacidade (por exemplo, uso de aplicações de *self-tracking*, Internet das Coisas), reputação na rede, discurso de ódio e extremismo.
- *Consequências:* estratégias de prevenção dos riscos e de como lidar com eles; consequências da exposição a riscos na internet a nível do bem-estar psico-social das crianças, do respeito pela dignidade da pessoa, e dos direitos digitais dos mais novos.
- *Mediação parental:* averiguar sobre práticas de mediação *capacitante* (que favoreçam o uso da internet de modo consciente e responsável) e de mediação

restritiva (assentes em imposições de regras e em restrições no uso da internet).

A versão final do questionário EU Kids Online é composta por questões obrigatórias e de cariz opcional ou facultativo, a que se juntaram módulos sobre temas como *Discurso de Ódio, Testemunhas de Cyberbullying, Cidadania Digital, E-Saúde ou Internet das Coisas*.

O questionário realizado em Portugal incidiu sobre as questões obrigatórias e os módulos *Cidadania Digital e Internet das Coisas*, estes inquiridos a maiores de 11 anos.

Aplicado em escolas públicas e privadas, foi respondido por uma amostra nacional (incluindo Madeira e Açores) composta por 1.974 rapazes e raparigas de 9 a 17 anos, em regime de auto-preenchimento em salas equipadas com meios digitais (preenchimento assistido por computador, CAPI). Foi precedido de testes cognitivos realizados junto de crianças mais novas, a fim de identificar dificuldades de compreensão das questões e procurar expressões mais adequadas.

Por questões éticas, e tal como nos inquéritos EU Kids Online 2010 e Net Children Go Mobile, crianças de 9-10 anos não responderam a questões sobre *sexting* e conteúdos negativos gerados pelo utilizador.

Este relatório

Apresentando os primeiros resultados nacionais do inquérito EU Kids Online realizado entre março e junho de 2018, o relatório caracteriza os jovens inquiridos e seu acesso à internet, usos, oportunidades, riscos e mediações.

Os resultados de 2018 são confrontados com os resultados nacionais do inquérito *EU Kids Online 2010* (Livingstone et al., 2011; Ponte et al., 2012) e do inquérito *Net Children Go Mobile* (Simões et al., 2014). Um intervalo de quatro

anos entre cada questionário permite captar mudanças e continuidades no uso da internet entre crianças e jovens portugueses (9-17 anos) numa **perspetiva longitudinal**.

Contudo, a leitura destes dados deve ter presente diferenças metodológicas:

- nos inquéritos de 2010 e 2014, a amostra de crianças e jovens ia de nove a 16 anos, enquanto em 2018 vai de nove a 17 anos;
- a dimensão da amostra de entrevistados variou entre 1.001 (2010), 501 (2014) e 1.974 (2018);
- as condições de realização mudaram entre a metodologia de auscultação em casa por um entrevistador e a auscultação em contexto escolar, por auto-preenchimento da totalidade do questionário;
- embora se tenham garantido condições de confidencialidade e de privacidade nas respostas, podem ter ocorrido contingências decorrentes do ambiente escolar e da presença de colegas na mesma sala e ocasião;
- o auto-preenchimento exige mais tempo de leitura, razão pela qual o questionário foi reduzido a perguntas de cariz obrigatório.

Este relatório adopta conteúdos do relatório EU Kids Online de Itália (Mascheroni e Ólafsson, 2018), o primeiro a ser publicado. Os seus resultados são provisórios, uma vez que as amostras de cada país serão ajustadas aquando da fusão numa única base europeia. A apresentação dos resultados acentua, deliberadamente, que se trata de respostas reportadas e não de factos testados. As citações são retiradas das respostas de crianças e jovens a perguntas abertas sobre oportunidades da internet e sobre situações que incomodam pessoas da sua idade¹, feitas antes das questões sobre atividades e riscos específicos.

¹ EU Kids Online QC2 *Que atividades na internet achas que são boas para as pessoas da tua idade?* e QF07 *Que coisas na internet incomodam as pessoas da tua idade?*

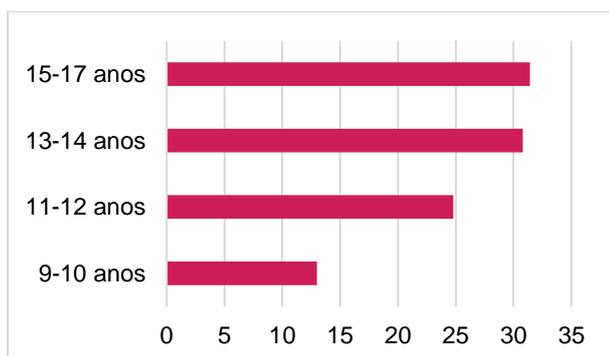
1. QUEM SÃO, COMO SÃO

Como se apresentam

Do total das respostas recolhidas, 61 inquiridos optaram por não indicar o género² e 54 não indicaram a idade. Os resultados discriminados referem-se, assim, a 1974 indivíduos identificados pela idade e género.

Metade dos 1974 inquiridos são rapazes e outra metade são raparigas. Jovens de 13 a 17 anos constituem 62% da amostra enquanto o grupo etário dos mais novos (9-10 anos) corresponde a 13% e o dos 11-12 anos representa um quinto (Figura 1).

Figura 1: Distribuição por idades



EU Kids Online 2018 QA02a-b *Em que mês e ano nasceste?*
Base: Crianças e jovens de 9-17 anos (N=1974). O número de não-respostas foi 54.

Os inquiridos vivem sobretudo com os pais biológicos: 87% com a mãe, 68% com o pai. Cerca de 60% vivem com irmãos ou meios-irmão, 14% coabitam com avós e outros familiares, 9% vivem em famílias recompostas e 4% vivem com pessoas sem laços de parentesco, como instituições de acolhimento.

Na apreciação de atividades do seu dia-a-dia, consideram que o digital ocupa um lugar

² A pergunta QA1: *Quem és tu?* Apresentava como respostas: *Um rapaz/Uma rapariga/Não sei/Prefiro não dizer*

importante mas que não é o principal, como indica a sua resposta sobre atividades muito frequentes (Quadro 1).

Quadro 1: Atividades muito frequentes, por idade e género

% dos que assinalam 'todos os dias ou quase todos os dias' / 'várias vezes por dia'...	9-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	
Conversar e divertir-me com amigos, encontrar-me com eles cara a cara (N=1905)	71	75	75	78	75
Fazer os trabalhos de casa ou outras atividades escolares fora do tempo de aulas (N=1902)	78	82	57	70	69
Ajudar a família nas tarefas domésticas ou cuidar de alguém que precise (N=1918)	59	71	60	72	65
Conversar e divertir-me com amigos online (N=1925)	49	49	68	70	61
Praticar desportos ou outras atividades físicas (N=1927)	68	58	61	34	53
Fazer atividades ao ar livre (N=1915)	65	54	58	31	50

EU Kids Online 2018 QA06a-f: *Com que frequência fazes estas atividades?*
Base: Crianças e jovens de 9-17 anos (N=1974).

Encontrar-se cara a cara com amigos, estudar ou fazer tarefas domésticas são rotinas diárias mais referidas do que estar online com amigos. Praticar desportos e realizar atividades físicas são as menos referidas, por cerca de metade dos inquiridos.

Há variações significativas por idade e por género.

- A maior diferença por idades diz respeito ao estar com amigos online, que difere substancialmente da relativa paridade de respostas encontrada na convivência cara a cara entre pares. Essa atividade é referida por cerca de metade dos mais novos (9-12 anos) e por três quartos dos mais velhos (13-17 anos).
- Em ambos os grupos etários, as raparigas realizam com mais frequência tarefas domésticas e dedicam-se mais a estudos. Por sua vez, os rapazes apresentam valores mais elevados na prática desportiva e atividades ao livre.

Convidados a situar socialmente a sua família relativamente às pessoas do seu país numa 'escala social' (0-10) quase todos a colocam em posição intermédia (58%) ou elevada (36%), sendo essa a posição ocupada por "pessoas com mais dinheiro, mais estudos e com empregos mais prestigiados". Apenas 6% colocam a sua família nos níveis mais baixos da escala, onde estão "pessoas que têm menos dinheiro, menos estudos e empregos menos prestigiados ou que não têm emprego". Esta perceção dos jovens distingue-se da caracterização socio-económica que tem como base o nível de educação e a profissão/ocupação dos pais.

Nas respostas a questões relativas à sua personalidade, destacam-se apreciações positivas ainda que com valores medianos (Quadro 2): pouco mais de metade considera-se capaz de resolver a maior parte dos problemas se se esforçar por isso (61%), de se focar em objetivos (57%), de encontrar formas de resolver novas situações (56%) e de pensar antes de agir (55%). Perto de um terço regista dificuldades de concentração e cerca de um em sete referem ter prazer/excitação em lidar com o perigo e perda de autocontrolo.

Nesta resposta sobre traços de personalidade, há valores transversais à idade e ao género. Duas exceções: as raparigas adolescentes destacam menos a sua capacidade em encontrar respostas para novas soluções do que os rapazes; os rapazes, mais novos e

mais velhos, destacam-se pela sua maior relação com atividades perigosas.

Quadro 2: Apreciação sobre si mesmos/as, por idade e género

% que assinala ser 'bastante verdade' ou que 'é mesmo verdade'	9-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	
Consigo resolver a maior parte dos problemas, se me esforçar para isso (N=1837)	57	55	65	61	61
Consigo facilmente focar-me em objetivos e atingir as minhas metas (N=1844)	58	55	60	55	57
Em geral consigo encontrar formas de resolver novas situações (N=1824)	49	51	64	56	56
Penso antes de fazer as coisas (N=1873)	49	55	57	56	55
Não consigo ficar muito tempo no mesmo sítio(N=1888)	30	29	29	29	29
Distraio-me com facilidade e tenho dificuldades em me concentrar (N=1883)	28	26	29	28	28
Faço coisas excitantes, mesmo quando são perigosas (N=1869)	14	8	21	8	14
Faço coisas perigosas para me divertir(N=1889)	15	7	20	6	13
Tenho fúrias e descontrolo-me com frequência (N=1869)	11	9	11	13	12
Dizem muitas vezes que eu minto ou que faço batota (N=1864)	11	5	9	3	7

EU Kids Online 2018 QA10, QA12, QA18 e QA21: Até que ponto estas afirmações sobre ti são verdade? Escala de quatro pontos: Não é verdade; é um pouco verdade; é bastante verdade; é mesmo verdade. Base: Crianças e jovens de 9-17 anos (N=1974).

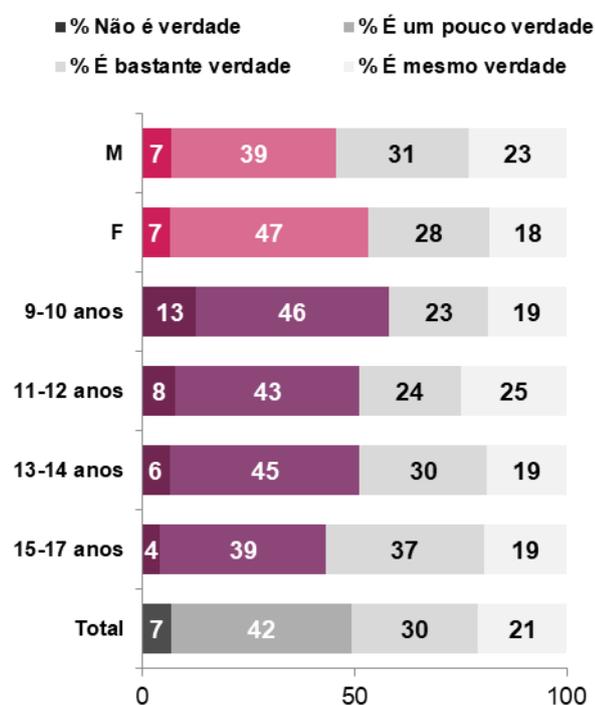
Quanto à qualidade de vida de que usufruem - numa escala de 0 (*pior vida possível*) a 10 (*melhor vida possível*) - 67% consideram-se no nível superior, 29% no nível intermédio e 4% no nível inferior. Como veremos, mais de 90% sentem-se em segurança no local onde vivem.

Como avaliam a internet

Concluimos esta caracterização com a apreciação relativamente a ser verdade que existem muitas coisas boas na internet para crianças e jovens da sua idade.

Apenas um quinto concorda plenamente com essa afirmação. As respostas, sistematizadas por idade e género na Figura 2, traduzem a perceção do desafio que esse ambiente constitui. Como se vê, quase metade (42%) considera que a afirmação “é um pouco verdade”.

Figura 2: A internet como espaço de oportunidade, por idade e género



EU Kids Online 2018 QC1 O que pensas desta frase: ‘Há muitas coisas na internet que são boas para as pessoas da minha idade’?

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que usam a internet (N=1966). O número de não-respostas foi 173.

Estes valores de 2018 indicam uma significativa descida na apreciação positiva da internet, já que em 2010, 52% dos entrevistados portugueses (9-16 anos) concordava totalmente com a afirmação e 43% consideravam ser bastante verdade. Nesta apreciação, há variações significativas por idade e género.

- Seis em dez dos mais novos (9-10 anos) ou discordam totalmente ou consideram ser apenas um pouco verdade; esses valores descem para 43%, entre os mais velhos (15-17 anos).
- Quase metade das raparigas (47%) consideram ser um pouco verdade, enquanto esse valor se fica nos 39% na apreciação dos rapazes.

Em 2018, mais de metade das crianças e jovens portugueses indicam oportunidades da internet para pessoas da sua idade, como ilustram os seguintes testemunhos:

Jogos, sites de documentários, sites de redes sociais pois sempre nos faz bem socializar com os outros e estarmos bem informados sobre o que se passa em redor do mundo. (Rapaz, 12 anos)

Com a Internet conseguimos conectar por mensagem e com amigos e familiares que estão longe. Essa é a parte boa que eu acho de Internet. (Rapariga, 14 anos)

Realizar pesquisas sobre vários temas. Aprender de forma intuitiva. Obter informação sobre o que se passa no mundo. Contactar com pessoas diferentes e com pessoas das quais estamos afastados. Entretenimento. (Rapaz, 17 anos)

2. ACESSO E USO DA INTERNET

O acesso à internet

O smartphone e o tablet ampliaram a coordenação espaço-temporal do uso da internet, favorecendo um acesso “*anywhere, anytime*” (Mascheroni & Ólafsson, 2014). Este acesso a toda a hora e em qualquer lugar tem implicações nas noções de proximidade e distância.

Os anteriores estudos, EU Kids Online e Net Children Go Mobile, evidenciaram como a questão social do acesso à internet influencia a possibilidade de crianças e jovens poderem beneficiar com essa experiência ou, pelo contrário, ficarem expostos a riscos (Livingstone, Haddon & Görzig, 2012).

Em 2010, Portugal liderava entre os 25 países europeus no acesso de crianças e jovens à internet através de um portátil pessoal, referido por dois terços. Enquanto isso, 26% referiam o acesso por telemóvel e 7% por outros meios móveis.

Em 2014, os resultados sobre dispositivos usados por crianças e jovens portugueses de 9-16 anos, revelados no estudo Net Children Go Mobile (Simões et al., 2014) confirmam um **crescimento do acesso à internet por smartphone**, que se situava nos 35% no seu uso diário. O computador portátil pessoal descia para 60%.

Em 2018, **o acesso frequente à internet por smartphone passou para 87%** enquanto o acesso por computador portátil desceu para 41% (Quadro 3). Oito inquiridos responderam

não aceder ‘nunca’ à internet por nenhum destes meios próprios ou familiares.

Como se observa, o acesso frequente à internet por computador - fixo ou portátil - é mais referido por rapazes do que por raparigas e é mais frequente na adolescência, não indo, contudo, para além da metade dos jovens. O uso frequente de smartphones destaca-se a partir na pré-adolescência, enquanto o tablet regista a tendência oposta, diminuindo o seu uso frequente com o aumento da idade.

Quadro 3: Uso frequente de dispositivos, por idade e género

% dos que usam ‘todos os dias’ ou mais	Um telemóvel/ smartphone (N=1939)	Um computador de mesa ou portátil (N=1936)	Um tablet (N=1931)
M	84	46	26
F	90	35	23
9-10 anos	57	22	36
11-12 anos	83	34	28
13-14 anos	94	46	25
15-17 anos	95	49	17
Total	87	41	25

EU Kids Online 2018 QB5a-c: *Com que frequência estás online ou usas a internet nos seguintes dispositivos?*
Base: Crianças e jovens de 9-17 anos (N=1974).

A rapidez do acesso à internet através do smartphone em relação a outros dispositivos, sobretudo o computador, leva à intensificação de muitas atividades (com prevalência das práticas comunicativas e do uso das redes sociais) e potencialmente também ao aumento de competências e da inclusão digital.

Como se observou em Net Children Go Mobile (Mascheroni & Ólafsson, 2014), os utilizadores de smartphone fazem mais atividades de comunicação e de entretenimento do que quem não dispõe desse dispositivo. A experiência online feita em computador e a experiência feita através de meios móveis não são recíprocas.

A pesquisa sobre o chamado ‘terceiro fosso digital’ entre a população adulta evidenciou

como as atividades online que acrescentam capital cultural, social e económico aos indivíduos são feitas mais no computador do que no smartphone (Pearce & Rice, 2013). Há, portanto, o risco de se gerarem desigualdades a nível das *literacias digitais* entre quem acede apenas pelo smartphone e quem dispõe de vários dispositivos para circular online (ainda que o smartphone seja o preferido) (Mascheroni & Ólafsson, 2016).

O uso da internet

As pessoas da minha idade podem usar a internet para se informarem. Para se entreterem. Para passar o tempo num dia de chuva. (Rapaz, 15 anos)

O tempo passado à frente de um ecrã do computador ou de um telemóvel (*screen time*) representa uma das principais preocupações para os pais e educadores, que temem que essa atividade mediada substitua práticas cara a cara ou atividades físicas, como a prática desportiva.

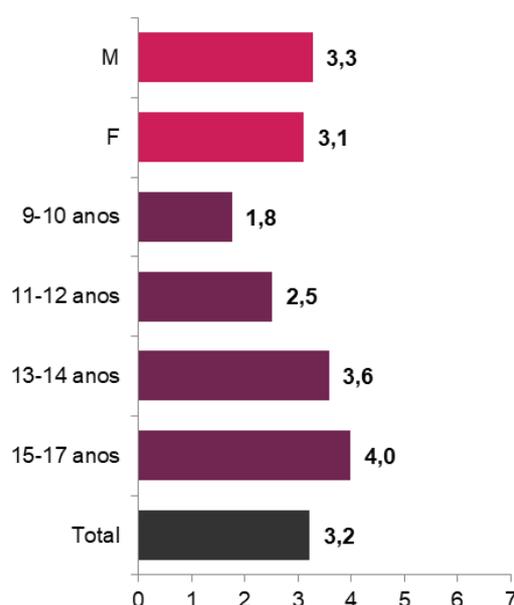
A Figura 3 discrimina o tempo médio estimado passado na internet por dia pelas próprias crianças e jovens, em horas, , por idade e género.

Em média, as crianças e jovens portugueses estimam passar cerca de 3 horas por dia na internet. Essa estimativa é quase idêntica entre rapazes e raparigas, mas aumenta à medida que avança a idade (não chega a duas horas entre as crianças de 9-10 anos e atinge as 4 horas diárias entre os adolescentes de 15-17 anos).

Considerações recentes sobre o *tempo de ecrã* (Ito, 2017) põem o acento na qualidade do tempo passado e não tanto na quantidade. Recomendam mais atenção ao *contexto de*

uso (onde, quando e como se acede à internet), ao *conteúdo* (o que se faz e o que se guarda) e às conexões (intensificam-se ou reduzem-se as relações sociais por causa das atividades online) (Ito, 2017; Livingstone & Blum-Ross, 2017). Há que correlacionar o tempo na internet com a idade dos jovens internautas e com as atividades digitais que realizam.

Figura 3: Tempo médio estimado passado na internet por dia, por idade e género



EU Kids Online 2018: QB7/QB8: *Quanto tempo estás na internet?*

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que usam a internet (N=1966). O número de não-respostas foi de 213 na pergunta QB7 e 195 na pergunta QB8..

Atividades online

Os estudos EU Kids Online têm mostrado que é difícil classificar as atividades online como sendo intrinsecamente positivas ou negativas. Isto porque essa experiência tem a ver não só com características individuais (psicológicas e socio-demográficas) das crianças e jovens mas também com os contextos sociais onde vivem.

Entretenimento (filmes, séries, etc.), Wikipédia, download de livros, etc. (Rapaz, 13 anos)

Podemos pesquisar o que for preciso, informarmo-nos, conhecer pessoas novas, há a possibilidade de fácil entretenimento. (Rapariga, 16 anos)

O Quadro 4 apresenta as atividades online realizadas diariamente ou mais, por idade e género.

As três atividades mais referidas destacam entretenimento e comunicação: **cerca de 80% usam a internet para ouvir música e ver vídeos**, seguindo-se a **comunicação com familiares e amigos** e as **redes sociais**, referidas por cerca de **75%**. Os jogos são apontados por perto de metade e a participação em grupos online com pessoas que partilham os mesmos interesses atinge os 29%.

O uso da internet para fins informacionais e utilitários vem depois: 27% referem trabalhos da escola e ler notícias, 21% procuram informação sobre oportunidades de trabalho e de estudo, 19% sobre compras e preços e 12% sobre questões de saúde, para si ou outras pessoas. Atividades criativas ou que envolvem participação cívica são pouco referidas, apresentando mesmo valores residuais.

De uma forma geral, quem usa mais a internet tem mais probabilidades de encontrar riscos mas também está mais "preparado" para os enfrentar - é mais "resiliente" (Livingstone, Haddon & Görzig, 2012).

O número e o tipo de atividades online varia com a idade, naquilo que se definiu como uma "escada de oportunidades" (Livingstone & Helsper, 2007; Livingstone et al., 2011). Na base da escada estão jogos e pequenas pesquisas para trabalhos escolares, no topo estão usos criativos e formas de participação digital como cuidar de um blogue ou criar e partilhar conteúdos.

- **A referência a quase todas as atividades aumenta com a idade.** Uma exceção é a criação de vídeos ou músicas, que não variou.

Quadro 4: Atividades online, por idade e género

% dos que realizam a atividade diariamente	9-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	
Ouvi música na internet (N=1925)	64	73	83	90	80
Vi vídeos (N=1919)	76	68	85	77	78
Comuniquei com familiares e amigos (N=1918)	60	68	80	83	75
Fui a uma rede social (N=1906)	44	59	81	88	73
Joguei jogos online (N=1922)	64	33	69	26	48
Participei num grupo online com pessoas que têm os mesmos interesses e hobbies (N=1888)	26	17	38	28	29
Usei a internet para os trabalhos de casa (N=1902)	21	26	28	30	27
Procurei notícias online (N=1909)	22	16	38	25	27
Conversei com pessoas de outros países (N=1895)	17	15	28	21	22
Procurei informações sobre oportunidades de trabalho ou de estudo (N=1863)	21	23	21	18	21
Usei a internet para comprar coisas ou ver preços (N=1909)	14	11	29	17	19
Procurei informação sobre saúde para mim ou para outra pessoa que conheço (N=1889)	9	8	17	10	12
Criei um vídeo ou uma música e carreguei-os online, para partilhar (N=1906)	10	6	10	5	8
Discuti questões políticas e sociais com outras pessoas (N=1908)	7	2	8	5	6
Participei em campanhas, protestos ou assinei petições online (N=1904)	4	3	5	2	4

EU Kids Online 2018: QC3a-o: *Com que frequência fizeste estas atividades na internet NO ÚLTIMO MÊS?* (opções de resposta: "Todos os dias ou quase", "Várias vezes por dia" ou "Quase todo o tempo"). Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que usam a internet (N=1966).

- Os **mais novos** usam a internet sobretudo para ver vídeos e ouvir música.
- Os **adolescentes** usam a internet para um leque mais amplo de práticas. Ouvir música, comunicar com familiares e amigos, ver vídeos e fazer uso das redes sociais estão nos lugares cimeiros. A leitura de notícias é referida por cerca de um terço e a pesquisa de informação sobre matérias de saúde por cerca de um sexto. As atividades de participação cívica quase não crescem com a idade.
- São notórias as **diferenças de género**: as raparigas iniciam mais cedo o uso da internet para comunicar com amigos e familiares e para usarem redes sociais, colocando a tónica em práticas de comunicação, e destacam-se também na maior fruição da música online. Por seu lado, os rapazes iniciam mais cedo o uso da internet para contactarem com grupos com interesses e hobbies afins e para lerem notícias. O jogo online continua a ser uma atividade predominantemente masculina.

Algumas das atividades inquiridas em 2018 fizeram parte do questionário Net Children Go Mobile, de 2014. O Quadro 5 mostra o incremento nas cinco atividades comparadas.

Esse aumento é acentuado entre os 9-12 anos no que se refere a atividades de entretenimento, com valores que mais do que duplicam os de 2014: ver vídeos, entre rapazes; frequentar redes sociais, entre raparigas; ouvir música, por parte de ambos.

A exceção ao incremento ocorre apenas no uso da internet para trabalhos da escola: entre raparigas adolescentes desce de 37% para 30%.

Quadro 5: Atividades quotidianas online (confronto 2014 - 2018)

% dos que realizam a atividade diariamente		9-12 anos		13-17 anos		Total
		M	F	M	F	
	2018	76	68	85	77	78
Viu vídeos	2014	33	34	72	57	50
	2018	44	59	81	88	73
Foi a uma rede social	2014	28	24	68	71	50
Ouviu música na internet	2018	64	73	83	90	80
	2014	29	30	72	70	52
Uso a internet para os trabalhos escolares	2018	21	26	28	30	27
	2014	11	16	16	37	21
Leu/procurou notícias online	2018	22	16	38	25	27
	2014	8	8	16	10	10

EU Kids Online 2018: QC3k, h, l, b, d: *Com que frequência fizeste as seguintes coisas ONLINE nos últimos meses?* (opções de resposta “Todos os dias ou quase”, “Várias vezes por dia” ou “Quase todo o tempo”). Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que usam internet (N=1966).

Net Children Go Mobile: Q9a,b, d, 10a, 12e: Para cada uma destas coisas que te vou ler, diz-me se as fizeste todos os dias? (opções de resposta: “diariamente ou quase” ou “várias vezes por dia”).

Base: Crianças e jovens de 9-16 anos que usam a internet (N=501).

As redes sociais

O acesso social ao grupo de pares constitui uma das motivações mais fortes para o uso da internet e do telemóvel: três quartos dos entrevistados portugueses comunicam com muita frequência com familiares e amigos.

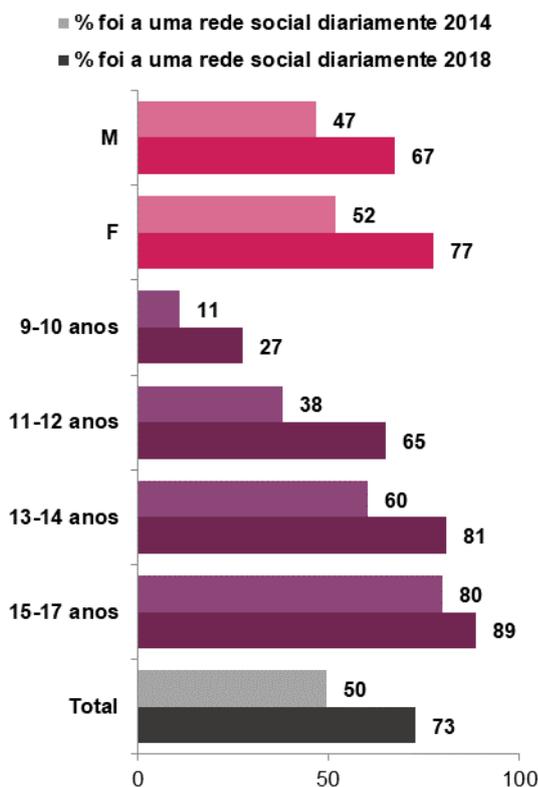
Nos últimos anos, registou-se uma mudança no repertório comunicativo (Haddon, 2004) dos mais jovens, ou seja, mudaram as plataformas usadas e práticas comunicativas que realizam para estar em contacto com os pares. O estudo Net Children Go Mobile de 2014 já tinha revelado a diversificação das redes sociais e a redução do uso do Facebook. Outras redes sociais apareceram desde então. O progressivo **abandono da plataforma Facebook** foi realizado a favor de aplicações de mensagens instantâneas como WhatsApp

e Snapchat, ou das que no estudo Net Children Go Mobile foram chamadas de plataformas de *media sharing*, como o Instagram (Mascheroni & Ólafsson, 2014).

Na minha idade acho que o Instagram e o Youtube é o que é mais usado. (Rapariga, 12 anos)

A Figura 4 apresenta a distribuição dos jovens portugueses que usam diariamente uma rede social, comparando os dois momentos, 2014 e 2018, por idade e género.

Figura 4: Usar redes sociais, por idade e género (confronto 2014-2018)



EU Kids Online 2018: *Com que frequência fizeste as seguintes coisas na internet NO ÚLTIMO MÊS? h) Fui a uma rede social* (opções de resposta “Todos os dias ou quase”, “Várias vezes por dia” ou “Quase todo o tempo”). Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que usam internet (N=1966).

Net Children Go Mobile: Q10a: *Para cada um destas coisas que te vou ler, diz-me se as fizeste todos os dias?* (opções de resposta: “diariamente ou quase” ou “várias vezes por dia”).

Base: Crianças e jovens de 9-16 anos que usam a internet (N=501).

Como se vê, cresceu significativamente o uso diário de redes sociais entre rapazes e entre raparigas e também por idades, sobretudo entre os mais novos. Abaixo do limite mínimo indicado por várias redes sociais – os 13 anos – **27% das crianças de 9-10 anos registam usar redes sociais** e esse valor atinge **65% entre os 11-12 anos**.

Aproximação à comunicação online

Às perguntas sobre comunicação online e cara a cara foram acrescentadas outras relativas à percepção sobre segurança na internet (Quadro 6).

Quase dois terços (72%) das crianças e jovens portugueses afirmam **saber o que fazer numa situação desagradável** e 53% referem **sentir-se seguros na internet**.

Em linha com a reserva já anotada sobre o ambiente digital (ver Figura 2), apenas 28% consideram que as pessoas são simpáticas e prestáveis na internet.

A **percepção de segurança** online é **muito marcada por género**.

- Apenas um terço das raparigas de 9-12 anos e metade das raparigas de 13-17 anos se sentem muitas vezes ou sempre em segurança na internet. Estes valores estão abaixo dos referidos pelos rapazes dessas idades, respetivamente 52% e 67%.

As perguntas sobre comunicação online reflectem o processo de **normalização da internet na vida quotidiana** de crianças e jovens (Mascheroni e Ólafsson, 2018). De facto, a maioria dos inquiridos parece já não dar atenção à diferença entre ambientes e isso reflecte-se nas suas respostas: apenas 29% concordam com a afirmação de que é mais fácil exprimirem-se na internet do que cara a

cara (em 2010, a média europeia era de 50%); 16% falam sobre coisas online de que não falam cara a cara e 10% indicam falar sobre coisas privadas online de que não falam cara a cara.

O falar de coisas privadas na internet que não se falam cara a cara apresenta porém uma clara diferença de género: os valores dos rapazes de ambas as faixas etárias duplicam os das raparigas.

Quadro 6: Apreciação do contexto online

% dos que responderam 'muitas vezes' e 'sempre'	9-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	
	Sei o que fazer se alguém agir de forma desagradável comigo online (N=1789)	62	59	82	
Sinto-me em segurança na internet (N=1812)	52	34	67	50	53
Para mim, é mais fácil ser eu mesmo/a online do que quando falo com as pessoas cara a cara	36	24	34	23	29
Acho que as pessoas são simpáticas e prestáveis na internet (N=1795)	30	20	34	26	28
Falo sobre coisas online que não falo com as pessoas cara a cara (N=1861)	17	12	19	15	16
Falo sobre coisas privadas online que não falo com as pessoas cara a cara (N=1849)	14	7	13	6	10

EU Kids Online 2018: QD2a-f *Com que frequência as seguintes situações se aplicam a ti?*

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que usam internet (N=1966).

3. COMPETÊNCIAS

O questionário de 2018 introduziu novos modos de medir competências digitais, adaptando a escala de competências digitais criada e validada por van Deursen, Helsper e Eynon (2014), do Oxford Internet Institute. Essa escala distingue cinco tipos de competências: *instrumentais, de navegação e apreciação crítica da informação, sociais, criativas e de uso dos dispositivos móveis.*

Competências instrumentais

A grande maioria considera ter as competências instrumentais que lhes foram perguntadas: **79% reportam saber gravar uma fotografia** que encontraram online, e **81% registam saber modificar configurações de privacidade do seu perfil na rede social** (Quadro 7).

Quadro 7: Competências instrumentais, por idade e género

% dos que responderam ser 'quase' ou 'mesmo verdade'	9-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	
	Sei alterar as minhas configurações de privacidade (por exemplo, numa rede social) (N=1847)	62	65	89	
Sei guardar uma foto que encontrei na internet (N=1829)	63	64	86	89	79
Ponto médio (0-10)	7,75		9,2		8,6

EU Kids Online 2018: QE1a-b Numa escala de 1 a 5 (onde 1 significa 'para mim não é verdade' e 5 significa 'para mim, é mesmo verdade'), até que ponto estas situações são verdade para ti?
Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que usam internet (N=1966).

Sem diferenças significativas por género, há diferenças significativas por idade.

- Perto de dois terços das crianças de 9-12 anos referem saber gravar uma

fotografia que encontraram na internet ou saber alterar as suas definições de privacidade nas redes sociais; esses valores andam perto dos 90% entre os adolescentes.

- O índice de competências instrumentais avaliado numa escala de 1 a 10 coloca os internautas portugueses num ponto médio de 8,6.

Competências de navegação e apreciação crítica da informação

Menos apontadas estão competências que se relacionam com navegação e com a gestão crítica da informação online: **52% registam ser fácil verificar se a informação que encontram na internet é verdadeira; 66% consideram que sabem escolher as melhores palavras-chave** para fazer pesquisa na internet. (Erro! A origem da referência não foi encontrada.8).

Quadro 8: Competências informacionais, por idade e género

% dos que responderam ser 'quase' ou 'mesmo verdade'	9-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	
	É fácil para mim escolher as melhores palavras para fazer pesquisas na internet (N=1844)	59	57	75	
É fácil para mim verificar se a informação que encontro online é verdadeira (N=1828)	44	32	66	54	52
Ponto médio (0-10)	6,9	6,5	8,0	7,3	7,3

EU Kids Online 2018: QE1c-d Numa escala de 1 a 5 (onde 1 significa 'para mim não é verdade' e 5 significa 'para mim, é mesmo verdade'), até que ponto estas situações são verdade para ti?
Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que usam internet (N=1966).

Estas respostas apresentam diferenças por género e por idade.

- Quanto a considerarem ser muito verdade que sabem **verificar a veracidade da informação**, as **raparigas** dos dois grupos etários apresentam **valores bastante mais**

baixos do que os rapazes: 32% das raparigas e 44% dos rapazes entre 9-12 anos; 54% das raparigas e 66% dos rapazes entre 13-17 anos.

- Entre adolescentes, as diferenças de género destacam-se também na resposta sobre a **facilidade da escolha das palavras-chave mais adequadas para a pesquisa:** concordam que é verdade 64% de raparigas e 75% dos rapazes.
- O índice de competências informativas situa-se em 7,3, sendo o segundo mais baixo deste conjunto de cinco grupos de competências.

Estas competências reportadas devem ter em consideração respostas como as jovens que apontam a confiança numa pesquisa digital marcada pela facilidade, velocidade e superficialidade.

Google é o único para estudos e pesquisas. (Rapaz, 9 anos)

Nesta fase da nossa vida de estudantes em que fazemos muitos trabalhos, a internet fornece-nos uma maneira simples e rápida para encontrar conteúdos para esses trabalhos. (Rapariga, 17 anos)

Ainda no que se refere a competências informacionais, no módulo sobre **Cidadania Digital**, respondido por metade dos inquiridos de 11-17 anos, foram colocadas questões sobre confiança nas notícias e sobre a distinção entre realidade e ficção (Quadro 9).

Um terço concorda com a afirmação de que pode confiar na maioria das notícias que escolhe ler ou ver – quase sem variação de idade e género, valor que desce para um quarto no que se refere à confiança nas notícias em geral. O resultado mais expressivo aponta a não tomada de posição – cerca de 40% assinalaram a opção *não concordo nem discordo*.

Quadro 9: Confiança e reconhecimento dos meios de comunicação, por idade e género

% dos que 'concordam totalmente' ou concordam'	11-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	
Penso que posso confiar na maior parte das notícias que escolho ver ou ler (N=626)	36	33	33	32	32
Penso que se pode confiar na maior parte das notícias (N=634)	29	30	27	23	26
Os meios noticiosos (por exemplo, a televisão, rádio ou jornais) são bons porque me ajudam a distinguir a realidade de ficção (N=613)	52	58	49	55	53
As redes sociais (por exemplo, Facebook, Twitter, Snapchat, Instagram) são bons porque me ajudam a distinguir a realidade de ficção (N=608)	18	28	27	29	28

EU Kids Online 2018: QM3-5a-b, *Gostávamos agora de saber que confiança tens nas notícias. Até que ponto concordas com as seguintes afirmações:* QM3-6a-b, *Até que ponto concordas ou discordas com as seguintes afirmações?*

Base: Crianças e jovens (11-17 anos) que responderam ao módulo sobre Cidadania Digital (N=692).

Importa ainda assinalar a ambiguidade do próprio conceito de *notícia*, termo associado na linguagem corrente a comunicação interpessoal:

Notícias que são ultra egocêntricas e que gostam de partilhar o melhor que têm e às vezes fazem outras pessoas sentirem-se mal consigo mesmas. Também há aquele tipo de pessoas que partilham conteúdo impróprio. (Rapariga, 14 anos)

Os meios de informação clássicos (televisão, rádio, jornais) superam as redes sociais no que se refere a ajudarem a distinguir factos de ficção: cerca de metade dos entrevistados (53%) considera que aqueles fazem *um bom trabalho* nessa matéria, sensivelmente o dobro do valor relativamente às redes sociais (28%).

A consideração positiva relativamente aos meios noticiosos no que se refere ao registo da factualidade aumenta com a idade e é um pouco mais expressa por raparigas do que por rapazes.

Estes resultados apontam a necessidade de trabalhar a literacia mediática e jornalística, bem como o sentido crítico na procura e validação de informação disponível, online e offline.

Competências sociais

As competências sociais estão entre as mais referidas pelos internautas portugueses. **88% afirmam saber que informação devem ou não partilhar online**, e **89% registam saber remover pessoas da lista de contactos** (Erro! A origem da referência não foi encontrada.10).

Quadro 10: Competências sociais, por idade e género

% dos que responderam ser 'quase' ou 'mesmo verdade'	9-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	
Sei como remover pessoas da minha lista de contactos/amigos (N=1856)	77	85	92	96	89
Sei que informações devo e não devo partilhar online (N=1859)	76	87	89	93	88
Ponto médio (0-10)	8,4	9,0	9,3	9,5	9,2

EU Kids Online 2018: QE1e-f Numa escala de 1 a 5 (onde 1 significa 'para mim não é verdade' e 5 significa 'para mim, é mesmo verdade'), até que ponto estas situações são verdade para ti?

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que usam internet (N=1966).

Nas competências sociais, **as raparigas apresentam sempre valores mais elevados do que os rapazes.**

- As diferenças são mais acentuadas nos 9-12 anos: 87% das raparigas referem saber que informações devem ou não devem partilhar online, para 76% dos rapazes; 85% das raparigas dizem saber como remover pessoas da lista de contactos, para 77% dos rapazes.

- Numa escala de 1 a 10, o índice de competências sociais apresenta 9,2 como ponto médio.

Competências criativas

Depois da euforia inicial que acompanhou a web 2.0 e que levou a teorias sobre a emergência de uma "cultura participativa", prevalece hoje uma leitura mais crítica e ponderada, que sublinha que muitos utilizadores da internet - e das plataformas de redes sociais em particular - não produzem conteúdos, antes se constituem como "curadores" de conteúdos.

Os dados relativos a competências criativas confirmam esta hipótese: **62% dos inquiridos afirmam saber criar e publicar online vídeos e músicas**, enquanto **37%** registam saber **editar ou fazer pequenas alterações a conteúdos online criados por outras pessoas** (Erro! A origem da referência não foi encontrada.11).

Quadro 11: Competências criativas, por idade e género

% dos que responderam ser 'quase' ou 'mesmo verdade'	9-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	
Sei criar e publicar vídeos ou músicas online (N=1817)	53	50	74	62	62
Sei editar ou fazer pequenas alterações a conteúdos online criados por outras pessoas (N=1784)	32	24	53	30	37
Ponto médio (0-10)	5,9	5,4	7,6	6,5	6,6

EU Kids Online 2018: QE1g-h Numa escala de 1 a 5 (onde 1 significa 'para mim não é verdade' e 5 significa 'para mim, é mesmo verdade'), até que ponto estas situações são verdade para ti?

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que usam internet (N=1966).

- Estas competências criativas crescem com a idade e apresentam diferenças de género.
- Entre os mais novos (9-12 anos), 32% dos rapazes referem saber editar ou fazer pequenas alterações a conteúdos online

criados por outras pessoas, enquanto 24% das raparigas o refere.

- Entre os mais velhos (13-17 anos), a diferença por género acentua-se tanto nas competências de edição (reportadas por 53% dos rapazes e 30% das raparigas) como nas competências de criação e partilha (referidas por 74% dos rapazes e por 62% das raparigas).
- O índice de 6,6 como ponto médio coloca as competências criativas como as menos referidas.

Competências associadas a meios digitais móveis

Embora o smartphone se tenha tornado o principal meio de acesso à internet para crianças e jovens de 9-17 anos, em Portugal como noutros países, as competências móveis não estão igualmente repartidas.

Se **92% dos inquiridos** assinalam **saber instalar aplicações** no smartphone ou no tablet, apenas **dois terços** assinalam **saber ver os custos de aplicações para dispositivos móveis que usa** (Quadro 12).

Quadro 12: Competências associadas a meios móveis, por idade e género

% dos que responderam ser 'quase' ou 'mesmo verdade'	9-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	
Sei instalar aplicações num dispositivo móvel (por exemplo, telemóvel ou tablet) (N=1865)	84	92	93	96	92
Sei ver que estou a gastar com aplicações nos dispositivos móveis (N=1741)	59	49	77	67	66
Sei como se compram aplicações online (N=1774)	59	43	82	66	66
Ponto médio (0-10)	7,7	7,2	8,9	8,3	8,2

EU Kids Online 2018: QE1i-k *Numa escala de 1 a 5 (onde 1 significa 'para mim não é verdade' e 5 significa 'para mim, é mesmo verdade'), até que ponto estas situações são verdade para ti?*

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que usam internet (N=1966).

- As diferenças de género destacam-se no controlo de custos de aplicações para

meios móveis: 59% dos rapazes e 49% das raparigas entre 9-12 anos; 77% dos rapazes e 67% das raparigas entre os 13-17 anos. Por sua vez, 92% das raparigas de 9-12 anos referem saber instalar aplicações em dispositivos móveis, para 84% entre os rapazes dessa faixa etária.

- Por idade, as diferenças acentuam-se no que se refere a maior controlo de custos relativos ao uso de aplicações por parte dos mais velhos.
- A competência relativa a saber instalar aplicações é a que apresenta o valor mais elevado entre as dez analisadas.
- As competências associadas a meios digitais móveis apresentam um ponto médio de 8,2.

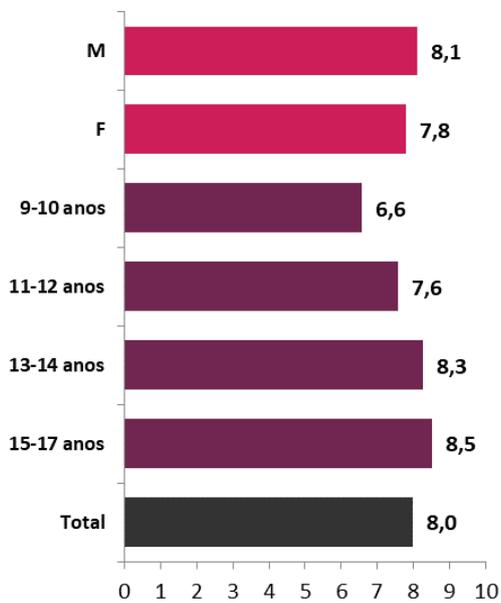
A alfabetização digital em síntese

Estes resultados contrariam o mito dos 'nativos digitais': crianças e adolescentes não dominam de modo automático e natural o uso das novas tecnologias, aproveitando todas as suas potencialidades. Competências criativas e críticas apresentam valores bastante mais baixos do que competências instrumentais, móveis ou sociais.

Considerando todos os tipos de competências analisados, crianças e jovens portugueses atingem um valor elevado no índice sintético de competências digitais reportadas: 8 em 10.

Crianças mais novas e pré-adolescentes registam os pontos médios mais baixos, que crescem com a idade; por género os rapazes apresentam um ponto médio ligeiramente superior ao das raparigas (Figura 5).

Figura 5: Índice sintético de competências digitais, por idade e género



EU Kids Online 2018: QE1a-k *Numa escala de 1 a 5 (onde 1 significa 'para mim não é verdade' e 5 significa 'para mim, é mesmo verdade'), até que ponto estas situações são verdade para ti?*

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que usam internet (N=1966).

4. RISCOS E DANOS

O questionário EU Kids Online de 2010 incidiu sobre riscos na internet, classificados a partir da posição de crianças e jovens: como *destinatários* de conteúdos e fluxos de comunicação de um para muitos (riscos de conteúdo, como a exposição a conteúdos pornográficos ou violentos); como *participantes* de uma relação comunicativa iniciada por outra pessoa, nomeadamente um adulto (riscos de contacto, como assédio); ou como *protagonistas*, responsáveis por produzir conteúdos ou por estabelecer relações negativas para com outros (como comportamento agressivo).

O principal resultado desse estudo de 2010 mostrou que **a exposição a riscos não produz necessariamente danos**. A probabilidade de um dado risco online se traduzir num dano real para crianças e jovens é relativamente baixa; contudo, é fundamental **identificar que crianças e jovens são mais vulneráveis a experiências problemáticas** e que crianças e jovens são mais capazes de as gerir (Livingstone, Hasebrink, & Görzig, 2012).

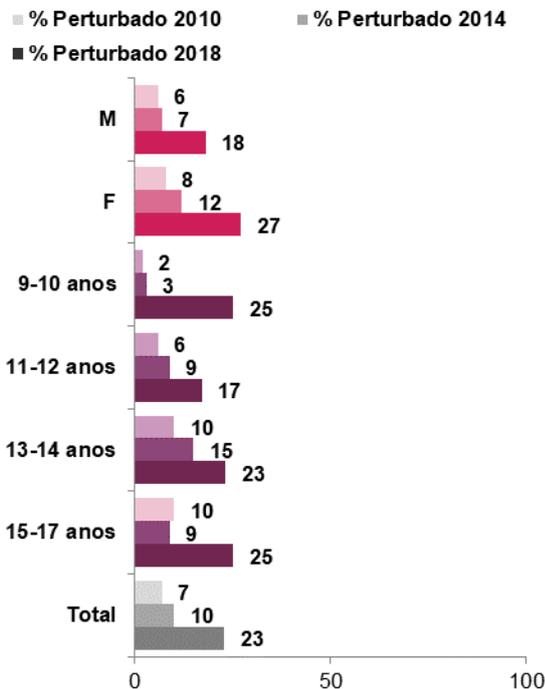
O estudo Net Children Go Mobile, de 2014, procurou identificar mudanças trazidas pelos novos meios móveis. Os resultados desse estudo em sete países mostraram como a correlação “mais oportunidades, mais riscos” não ocorria do mesmo modo: em Itália, Dinamarca e Roménia a maior incorporação da internet nas atividades quotidianas levou a um alargamento das oportunidades e também a uma maior exposição a riscos. Pelo contrário, na Bélgica e, em menor escala, em Portugal e no Reino Unido o alargamento das oportunidades não conduziu a mais exposição a riscos.

A definição de risco na internet no questionário de EU Kids Online 2018 evita usar termos que tendem a surgir de forma sensacionalista nos média. Para medir o dano, perguntou-se se no último ano tinha acontecido alguma coisa online que tivesse incomodado de alguma maneira (*isto é, que te fez sentir desconfortável, assustado ou a pensar que não deverias ter visto isso*).

A primeira pergunta sobre riscos era, assim, de natureza genérica, a fim de permitir obter uma estimativa das consequências danosas dos riscos da internet e como são entendidas e avaliadas por crianças e jovens (por exemplo, sobre a intensidade da experiência de dano). Esta pergunta antecedeu perguntas sobre bullying, sexting, pornografia e outros riscos.

- **23% das crianças e jovens portugueses de 9-17 anos reportaram ter tido situações que incomodaram na internet no último ano.**
- Os mais novos (9-10 anos) e os mais velhos (15-17 anos) são os que mais referem terem tido situações que incomodaram no último ano (ambos com 25%). Os 11-12 anos apresentam o valor mais baixo (17%).
- As raparigas (27%) reportam mais terem tido situações de incómodo do que os rapazes (18%).
- A percentagem das crianças e jovens portugueses que reportaram ter visto ou experienciado alguma coisa online que os incomodou **subiu significativamente em relação a 2010 e a 2014** (Figura 6).

Figura 6: Experiências negativas na internet, por idade e género (confronto 2010, 2014 e 2018)



EU Kids Online 2018: QF01 No ÚLTIMO ANO, aconteceu ALGUMA COISA online, que te incomodou de alguma maneira (isto é, que te fez sentir desconfortável, assustado ou a pensar que não deverias ter visto isso?) Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que usam internet (N=1966).

Net Children Go Mobile 2014: Q30: Nos ÚLTIMOS 12 MESES, viste ou tiveste experiência com alguma coisa na internet que te tivesse incomodado de alguma maneira? Por exemplo, que te fizesse sentir desconfortável, chateado ou pensar que não a deverias ter visto?

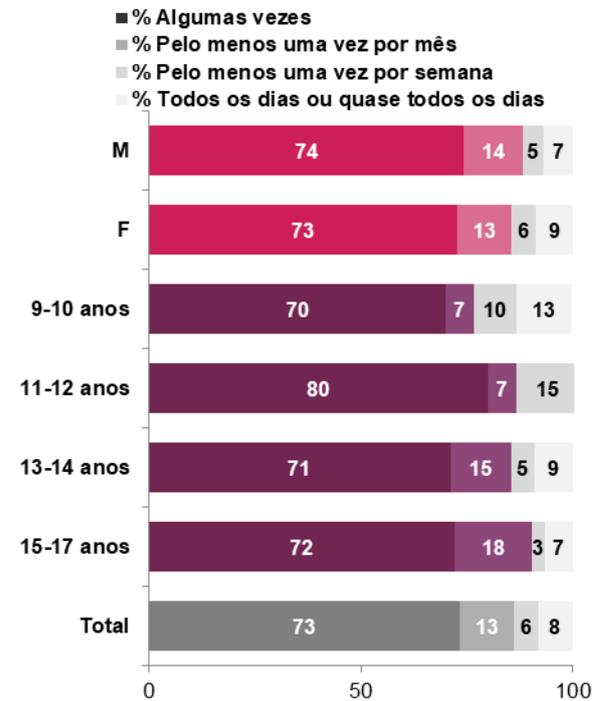
Base: todas as crianças de 9-16 anos que usam a internet (N=501).

EU Kids Online: QC110: Nos últimos doze meses, viste ou tiveste experiência com alguma coisa que te tivesse incomodado? Por exemplo, que te fizesse sentir desconfortável, chateado ou pensar que não a deverias ter visto?

Base: Todas as crianças de 9-16 anos que usam a internet (N=1001).

- A subida de 2014 para 2018 observa-se sobretudo em crianças de 9-10 anos, onde cresceu de **3% para 25%**. Este resultado confirma a tendência de *quanto mais/tanto mais*: um maior uso da internet para várias práticas continua a estar associado a uma maior exposição a riscos (Livingstone et al., 2011).

Figura 7: Frequência da experiência negativa na internet, por idade e género



EU Kids Online 2018: QF02: No ÚLTIMO ANO com que frequência isso aconteceu?

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que tiveram experiências negativas na internet (N= 365). O número de não-respostas foi 107.

- Cerca de **três quartos** dos que experienciaram danos indicam que essas situações negativas aconteceram **algumas vezes** no último ano. Contudo, **23% dos mais novos** (9-10 anos) apontam ter tido situações que os incomodaram **todas as semanas ou mais**.

A resposta ao risco

Quando ocorrem experiências negativas na internet, as respostas de crianças e jovens combinam estratégias para lhes fazer frente e reduzir o stress emocional e psicológico (Vandonick et al., 2013). As respostas sociais, ou seja, pedir ajuda e apoio de outros, estão entre as estratégias mais eficazes. Vejamos como aparecem, no Quadro 13.

Quadro 13: Pessoas com quem falaram de experiências negativas na internet, por idade e género

% dos que falaram de experiências negativas com...	9-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	
Amigo/a da mesma idade	29	28	32	58	42
Mãe ou pai (ou madrasta ou padrasto)	34	38	27	35	33
Não falaram com ninguém	34	18	28	15	22
Irmão ou irmã	13	12	6	17	13
Outro adulto em quem confiam	7	15	4	7	9
Outra pessoa	9	3	8	8	9
Professor/a pessoa	5	2	1	9	5
Alguém cujo trabalho é ajudar crianças e jovens	2	0	3	3	2

EU Kids Online 2018: QF04a-h: *Na última vez que alguma coisa te incomodou online, falaste com alguma destas pessoas?*

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que tiveram experiências negativas na internet (N= 365).

Os **amigos (42%)** e os **pais (33%)** são as principais fontes de apoio quando ocorrem situações negativas na internet, seguindo-se irmãos e irmãs (13%) e outros adultos em quem confiam (9%). Cerca de 5% reportam ter falado com professores. Há diferenças significativas de género.

- As raparigas adolescentes de 13-17 anos referem quase duas vezes mais do que os rapazes que falam com amigos/as da mesma idade nessa situação. Também falam mais com os pais e com irmãos.

22% não falou com ninguém sobre o que o incomodou na internet, com diferenças significativas de género: os rapazes de ambas as faixas etárias apresentam quase o dobro dos valores reportados pelas raparigas.

Os dados relativos a respostas a situações que incomodaram (Quadro 14) colocam na frente tanto **respostas activas** como bloquear o contacto na rede social (33%) como **respostas passivas**, como ignorar o problema e esperar que ele se resolva por si (33%) ou fechar a

página ou a aplicação (25%). Poucos foram os que, após uma experiência negativa, **mudaram as definições de privacidade (12%)**, ou **reportaram conteúdos ou contactos inapropriados** ao gestor da plataforma (11%).

Quadro 14: Reações a experiências que incomodaram na internet, por idade e género

% dos que fizeram...	9-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	
Bloqueei a pessoa, impedindo-a de me contactar	18	25	26	44	33
Ignorei o problema ou esperei que ele se desaparecesse por si	36	33	35	36	33
Fechei a janela ou a aplicação	32	15	35	22	25
Tentei que a outra pessoa me deixasse em paz	14	7	10	28	18
Apaguei todas as mensagens da outra pessoa	5	12	10	17	13
Mudei as minhas definições de privacidade	9	2	12	15	12
Senti alguma culpa pelo que aconteceu	18	7	5	12	12
Reportei o problema online	5	2	10	16	11
Tentei contactar com a outra pessoa	11	3	13	10	10
Deixei de usar a internet por uns tempos	14	8	1	5	7

EU Kids Online 2018: QF05a-j *Na última vez que tiveste problemas com alguma coisa ou que alguém te aborreceu ou incomodou na internet, fizeste alguma destas coisas?*

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que tiveram experiências negativas na internet (N= 365).

Há variações sobretudo por género.

- As raparigas, em ambas as faixas etárias, lideram nos valores referentes ao acto de bloquear o contacto que incomodava. Essa diferença é acentuada entre adolescentes, onde são também elas quem mais reporta o

problema ocorrido. São ainda as raparigas que mais apagam todas as mensagens da pessoa que incomodou.

- A atitude de esperar que o problema se resolva por si, e que aparece também destacada, é registada quase sem variações de idade e género.

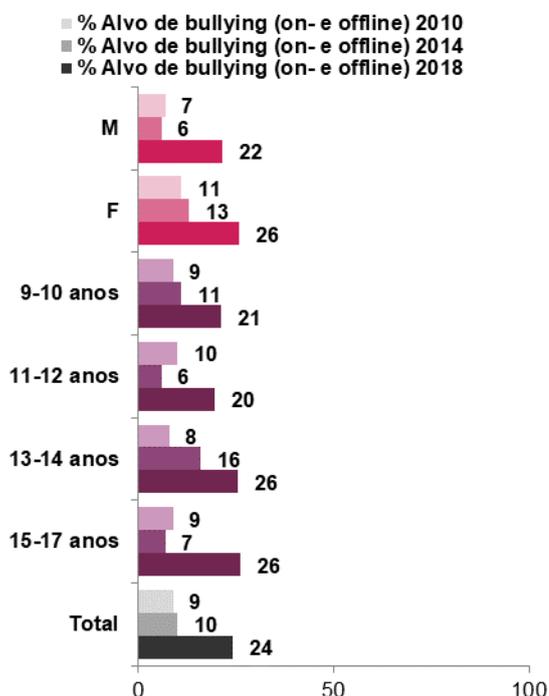
5. BULLYING

Tal como nos questionários *EU Kids Online* 2010 e *Net Children Go Mobile*, a fim de evitar condicionar a resposta pelo uso da terminologia, o bullying foi assim definido: *Às vezes crianças e jovens dizem ou fazem coisas que ofendem e durante algum tempo. Por exemplo: gozar com uma pessoa de uma forma que essa pessoa não gosta; bater, dar pontapés ou empurrar alguém; excluir alguém de um grupo. Isso pode acontecer cara a cara (pessoalmente), por telemóveis (mensagens, chamadas, video...) e na internet (e-mail, mensagens instantâneas, redes sociais...).*

Como se vê na Figura 8, em 2018, **24% das crianças e jovens portugueses** reportaram terem sido vítimas de bullying **offline e online no último ano**. No seu conjunto, estes valores mais do que duplicaram em relação a 2010 e 2014.

- Esta situação é transversal por idades. Nos mais novos, um em cinco reporta essa situação, essa relação é de um em cada quatro entre adolescentes.
- **As raparigas (26%) reportam mais esta situação** mas **ser alvo de bullying aumentou mais nos rapazes** em relação aos resultados anteriores.

Figura 8: Vítimas de bullying (on- e offline) nos últimos 12 meses, por idade e género (confronto entre 2010, 2014 e 2018)



EU Kids Online 2018: QF20: *No ÚLTIMO ANO, alguém te tratou de uma maneira ofensiva ou desagradável?*

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que usam internet (N=1966).

Net Children Go Mobile 2014: *Nos ÚLTIMOS DOZE MESES, alguém te tratou desta forma, e se sim, até que ponto ficaste perturbado(a) com o que aconteceu?*

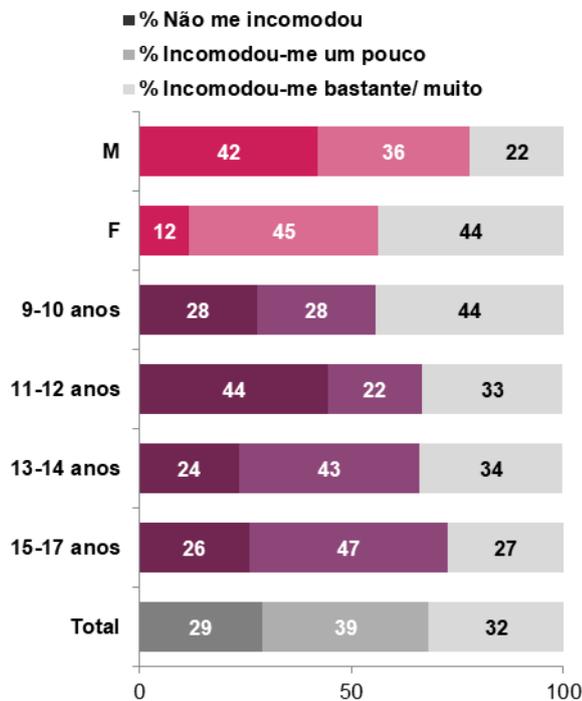
Base: todas as crianças de 9-16 anos que usam a internet (N=501).

EU Kids Online 2010 QC112: *Nos últimos 12 meses alguém te tratou de uma forma que te magoou ou incomodou?*

Base: Todas as crianças de 9-16 anos que usam a internet (N=1001).

Ainda que tivesse valores relativamente baixos em 2010 e 2014, o bullying online era o risco que mais incomodava as crianças e jovens. Em 2018, a tendência continua: **quase três quartos** dos inquiridos **declararam ter sentido incómodo**: 32% sentiu bastante ou muito incómodo, 39% sentiu algum incómodo (Figura 9).

Figura 9: Crianças e jovens alvo de bullying (online) que se sentiram perturbadas, por idade e género



EU Kids Online 2018: QF24a-f *Pensa na ÚLTIMA VEZ em que alguém te tratou de um modo desagradável ONLINE. Como te sentiste?*

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que foram alvo de bullying online no último ano (N=254). O número de não-respostas foi 30.

Para **29%** dos inquiridos **o bullying** ocorre com **bastante ou muita frequência**, tanto online como offline.

O bullying através de meios tecnológicos predomina sobre o bullying cara a cara, sendo a modalidade de agressão que mais ocorre (Quadros 15 e 16).

Mais de um quinto dos entrevistados que regista esta agressão refere que ela ocorre várias vezes por mês ou ainda mais frequentemente, através de chamadas de voz, mensagens de texto ou por outra via tecnológica.

Ameaças, a sensação de ser perseguido (cyberbullying) e ser posto de parte por grupos de pessoas. (Rapaz, 14 anos)

Pessoas que criticam tudo o que tu fazes, trolls da internet (Rapaz, 10 anos)

Quadro 15: Frequência com que crianças e jovens foram alvo de bullying

% frequência com que crianças e jovens foram alvo de bullying	Nunca	Por vezes	Algumas vezes por mês ou com maior frequência
Cara a cara (uma pessoa que estava comigo no mesmo lugar) (N=251)	14	57	29
Pela internet, por telemóvel, computador, tablet, etc. (N=254)	0	71	29
Por chamadas de voz ou mensagens de texto ou por outra via (N=250)	35	43	22

EU Kids Online 2018: QF21a-c *No ÚLTIMO ANO, quantas vezes te aconteceram algumas destas coisas?*
Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que foram alvo de bullying online (N=254).

Quadro 16: Modos como foram alvo de cyberbullying

Modo como foram alvo de bullying online	%
Recebi mensagens desagradáveis ou que me magoaram	64
Puseram-me de lado ou fora de um grupo na internet	37
Aconteceram-me outras coisas desagradáveis ou que me magoaram na internet	36
Puseram a circular mensagens desagradáveis sobre mim, que ficaram à vista das pessoas	28
Recebi ameaças na internet	26
Tive de fazer coisas que não queria fazer	16

EU Kids Online 2018: QF23 a-f: *Algumas destas coisas aconteceram contigo no último ano?*

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que foram alvo de bullying online no último ano (N=254). O número de não-respostas foi 18.

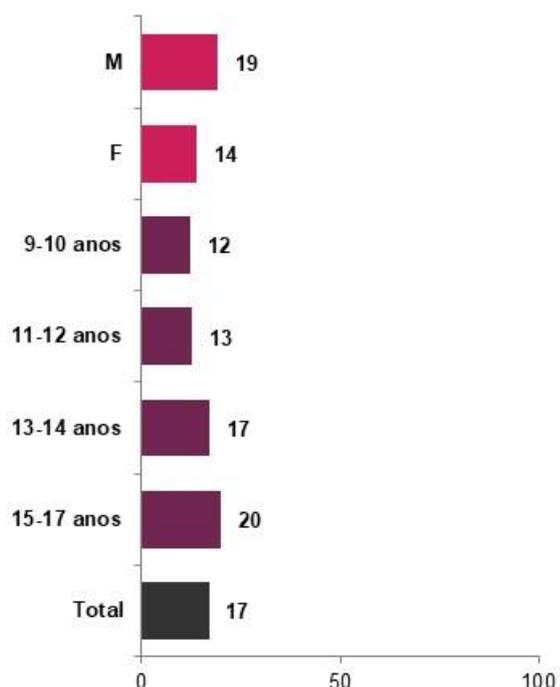
Perto de dois terços (64%) dos entrevistados de 9-17 anos que foram alvo de bullying online referem que **receberam mensagens desagradáveis** nos seus dispositivos.

Haver mensagens desagradáveis sobre si a circular na internet (28%) e **receber**

ameaças (26%) são duas situações referidas por mais de um quarto destes inquiridos. **Ficar fora de um grupo ou de uma atividade (37%)** ou **outras coisas desagradáveis (36%)** são situações referidas por mais de um terço. Uma em cada seis crianças e jovens que experienciaram ciberbullying **(16%) teve de fazer coisas que não queria fazer.**

Por seu lado, cerca de **17%** reportam ter tido **comportamentos de bullying** para com rapazes e raparigas no último ano (Figura 10). **A percentagem cresce com a idade** e é **mais elevada entre rapazes** do que entre raparigas.

Figura 10: Crianças e jovens ‘bulli’ (on- e offline) nos últimos doze meses, por idade e género



EU Kids Online 2018: QF28a-d: *No ÚLTIMO ANO, alguma vez TRATASTE alguém de maneira ofensiva ou desagradável ou a puseste de lado?*

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que usam internet (N=1966). O número de não-respostas foi 107.

6. PORNOGRAFIA

A pergunta sobre a exposição a conteúdos pornográficos teve a seguinte introdução: *No último ano, viste muitas imagens diferentes - ilustrações, fotografias, vídeos. Por vezes essas imagens podem ser claramente sexuais (por exemplo, mostrarem pessoas nuas ou pessoas a terem relações sexuais). Podes nunca ter visto imagens dessas ou podes ter visto algumas dessas imagens no telemóvel, numa revista, na televisão, num DVD ou na internet. As próximas perguntas são sobre isso.*

Uma vez que a introdução não refere o termo pornografia, iremos referir essas imagens como imagens de cariz sexual.

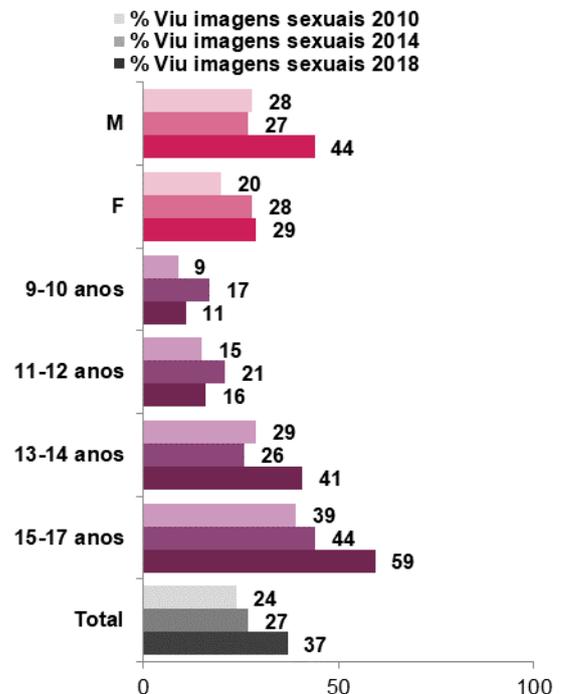
37% das crianças e jovens portugueses de 9-17 anos **viram imagens de cariz sexual na internet ou noutro local no último ano.**

Esta experiência é mais frequente entre os mais velhos: 59% entre os 15-17 anos e 41% entre 13-14 anos. É também mais frequente entre rapazes (44%) do que entre raparigas (29%).

A comparação com resultados de 2010 e de 2014 destaca variações significativas por idade e género (Figura 11).

- Nas raparigas, há proximidade nos valores nos dois períodos mais recentes, 2014 e 2018.
- Nos rapazes, a percentagem que era estável, sobe significativamente em 2018, de 27% em 2014 para 44%. É entre adolescentes que os valores são mais elevados, atingindo 59% entre os 15-17 anos.

Figura 11: Ter visto imagens sexuais (online e offline) nos últimos 12 meses, por idade e género (confronto 2010, 2014, 2018)



EU Kids Online 2018: QF30 *No ÚLTIMO ANO, viste algum tipo de imagens sexuais?*

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que usam a internet (N=1966).

Net Children Go Mobile: Q35: *Nos ÚLTIMOS 12 MESES, viste alguma coisa deste tipo e, se sim, até que ponto ficaste incomodado(a) com o que viste?*

Base: crianças e jovens de 9-16 anos que usam a internet (N=501).

EU Kids Online 2010: QC128: *Nos últimos doze meses, viste alguma coisa deste género (explicitamente sexual)?*

Base: crianças e jovens de 9-16 anos que usam a internet (N=1001)

Essas imagens sexuais foram vistas sobretudo **em dispositivos com acesso à internet (91%)** e na **televisão ou filmes (83%)** (Quadro 17). **Ver imagens de cariz sexual na internet supera a televisão.** Ver de vez em quando ou cerca de uma vez por mês na internet é apontado por quase metade (49%) dos inquiridos, enquanto 42% referem ver todas as semanas, todos os dias ou quase.

Quadro 17: Onde viram imagens sexuais

% Ver imagens sexuais...	Nunca	Algumas vezes, uma vez por mês	Pelo menos uma vez por semana, todos os dias ou quase
Numa revista, num livro (N=594)	52	39	9
Na televisão, num filme (N=596)	17	60	24
No telemóvel, computador, tablet (N=587)	9	49	42

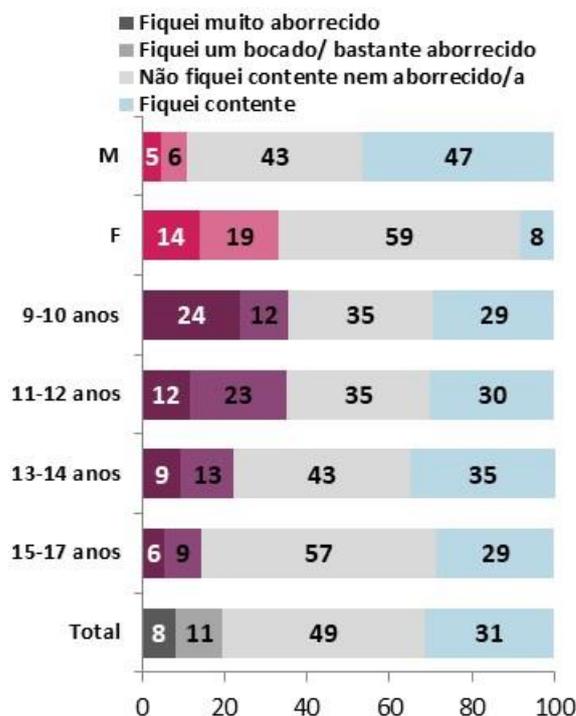
EU Kids Online 2018: QF31a-c No ÚLTIMO ANO, quantas vezes viste imagens deste tipo nos seguintes meios:

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que viram imagens de cariz sexual (N=613). O número de não-respostas foi 19.

Imagens de cariz sexual suscitam sobretudo indiferença (49%) e satisfação (31%) como se vê na Figura 12. Contudo, **8%**, referem ter sentido **muito incómodo** pelo que viram e **11%** sentiram algum ou **bastante incómodo**.

- **Ficar perturbado com estas imagens decresce de modo significativo por idade:** quase um quarto (24%) dos que têm 9-10 anos assinalaram ter-se sentido muito perturbados; esse valor desce para metade (12%) entre os 11-12 anos e atinge 6% entre os mais velhos (15-17 anos).
- Por seu lado, **ficar contente** por ver estas imagens **pouco varia por idade** (29-35%). **Não ficar nem contente nem perturbado é mais referido entre os 15-17 anos (57%).**
- As variações por género são muito significativas no que se refere a **ficar contente**: é referido por **47% dos rapazes** e por **8% de raparigas**.

Figura 12: Reações a imagens sexuais, por idade e género



EU Kids Online 2018: QF32 Pensando na ÚLTIMA VEZ que viste imagens deste tipo, como te sentiste?

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que viram imagens de cariz sexual (N=613). O número de não-respostas foi 137

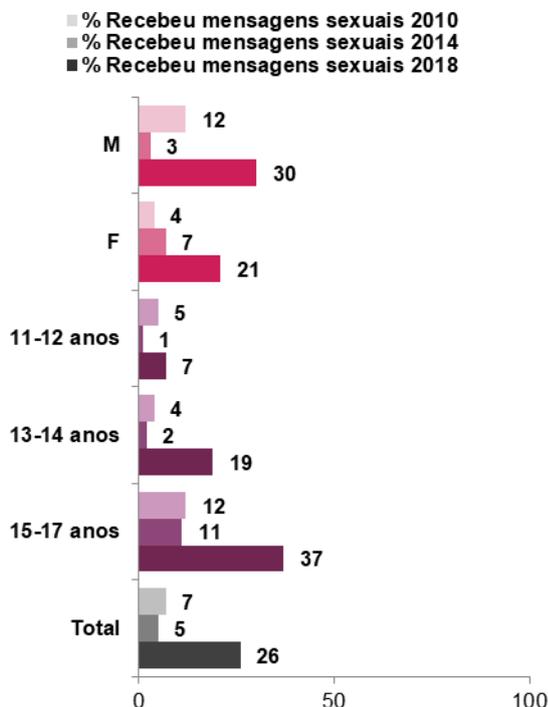
Depende muito da idade física e mental das pessoas. Se for uma criança pequena, conteúdos sexuais podem ser bem "perturbadores" mas para pré-adolescentes eles podem até ter interesse nisso. Eu acho que para pessoas da minha idade, que estão entrando na adolescência, é comum que elas vejam conteúdo pornográfico e isso não é ruim de todo. Por tanto que essa pessoa saiba o que está fazendo nada de mal irá acontecer. (12 anos, "prefere não dizer" o género)

7. SEXTING

Esta secção, respondida a partir dos 11 anos, definia sexting do seguinte modo: *As pessoas fazem muitas coisas na internet. Por vezes enviam mensagens ou imagens sexuais (conversam sobre ter relações ou sobre imagens de pessoas nuas a terem relações). As próximas perguntas são sobre isso.*

A Figura 13, que compara os resultados de 2018 com os dos estudos anteriores, dá conta de uma notável subida: em 2018, um em quatro entrevistados entre os 11 e os 17 anos recebeu mensagens sexuais explícitas quando nos dois estudos anteriores o valor reportado era quase residual.

Figura 13: Receber mensagens sexuais, por idade e género (confronto 2010, 2014, 2018)



EU Kids Online 2018: QF40 No ÚLTIMO ANO, alguma vez RECEBESTE mensagens sexuais, por texto, imagens ou vídeos?
Base: Crianças e jovens de 11-17 anos que usam internet (N=1377).

Net Children Go Mobile: Q42: Nos ÚLTIMOS DOZE MESES, recebeste mensagens sexuais deste tipo (podem ser de texto, imagens ou vídeo)

Base: crianças e jovens de 11-17 anos que usam a internet (N=401).

EU Kids Online 2010: QC167: No último ano, viste ou recebeste mensagens sexuais de qualquer tipo na internet? Podem ser textos, imagens, vídeo.

Base: Crianças e jovens de 11-17 anos que usam a internet.

- Os jovens de 15-17 anos (37%) são quem tem mais possibilidades de receber mensagens deste tipo. Esta ocorrência, que era residual entre o grupo dos 13-14 anos nos estudos anteriores, atinge agora cerca de um quinto dos entrevistados desta faixa etária.
- Tanto rapazes como raparigas apresentam valores muito elevados relativamente aos estudos anteriores. O padrão de género, de 2010, que colocava os rapazes como tendo mais possibilidades de receber este tipo de conteúdos, encontra-se de novo em 2018: 30% dos rapazes, 21% de raparigas.

Bem, no meu caso, recebi certas fotos inadequadas de uma pessoa que me era muito chegada e fiquei um pouco perturbado com isso. (Rapaz, 14 anos)

Por sua vez, o valor dos que foram contactados para enviarem informação sua de natureza sexual (vídeos, fotos ou textos) quando não o desejavam fazer desce para 15%.

- Entre os que receberam essas mensagens de cariz sexual há diferenças significativas por idade. Essa solicitação ocorreu mais entre o grupo etário dos 15-17 anos, sem diferenças por género.

Por seu lado, 6% dos entrevistados (N=77) reportam ter **enviado mensagens de cariz sexual** no último ano, na forma de imagens, textos ou vídeos. Quase sempre esses conteúdos foram enviados diretamente a um

destinatário preciso, mas um em cada quatro jovens refere ter postado imagens de cariz sexual que podiam ser vistas por qualquer pessoa na internet.

Um pouco mais de metade dos jovens que enviou este tipo de mensagens a outras pessoas pediu-lhes informação de natureza sexual. Esse comportamento ocorre sobretudo entre os mais velhos (15-17 anos), e quase não varia entre rapazes e raparigas.

8. ENCONTROS COM PESSOAS QUE CONHECERAM ONLINE

Uma das maiores preocupações dos adultos é o uso das redes sociais poder proporcionar conhecer novas pessoas e ter encontros cara a cara com pessoas conhecidas na internet e que podem ser uma ameaça à segurança de crianças e jovens. O medo do desconhecido (*stranger danger*) é associado à figura adulta, que pode raptar a criança ou o jovem ou deles abusar física ou psicologicamente. Estes crimes não são frequentes, mas quando ocorrem têm um grande destaque nas notícias (Barbovschi et al., 2012).

Por outro lado, se é verdade que os jovens usam as redes sociais para ampliar as suas próprias redes pessoais, entrando em contacto com pessoas com quem nunca se encontraram antes, essas pessoas são principalmente os chamados "laços latentes", isto é, "amigos de amigos" (Livingstone, Ólafsson & Staksrud, 2011; Mascheroni & Ólafsson, 2014).

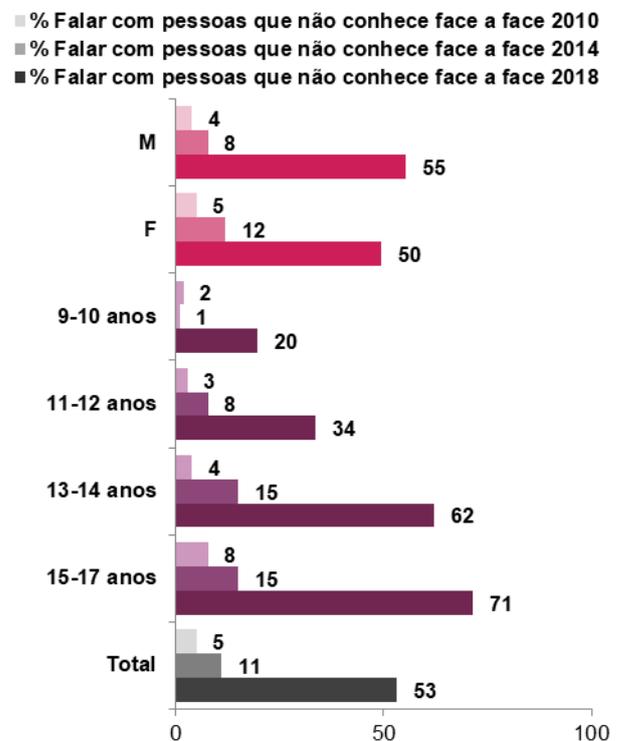
No questionário de 2018, **mais de metade (53%)** de crianças e jovens dos 9-17 anos registou que **contactou na internet com pessoas com quem não tinha contacto cara a cara**

Foram **sobretudo os adolescentes de 13-14 anos (62%) e de 15-17 anos (71%)** que estabeleceram contactos e amizades online com pessoas que não conheciam offline. As diferenças entre raparigas e rapazes não são

significativas, com cerca de metade a referir essas práticas.

O confronto com os dados de 2010 e de 2014, na Figura 14, mostra uma acentuada subida no estabelecimento de contactos online com pessoas que não se conhecem pessoalmente neste último ano. Esta é a maior subida entre as quatro situações de risco apresentadas e ilustra a associação a oportunidades de alimentar redes de sociabilidade.

Figura 14: Falar na internet com pessoas que não conhece cara a cara (confronto 2010, 2014, 2018)



EU Kids Online 2018 QF11 **JÁ ALGUMA VEZ** falaste na internet com alguém que não tivesses encontrado antes cara a cara?

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que usam internet (N=1966).

Net Children Go Mobile: Q39: Nos **ÚLTIMOS DOZE MESES**, contactaste com alguém na internet com quem nunca estiveste cara a cara?

Base: Crianças e jovens 9-16 anos que usam a internet (N=501).

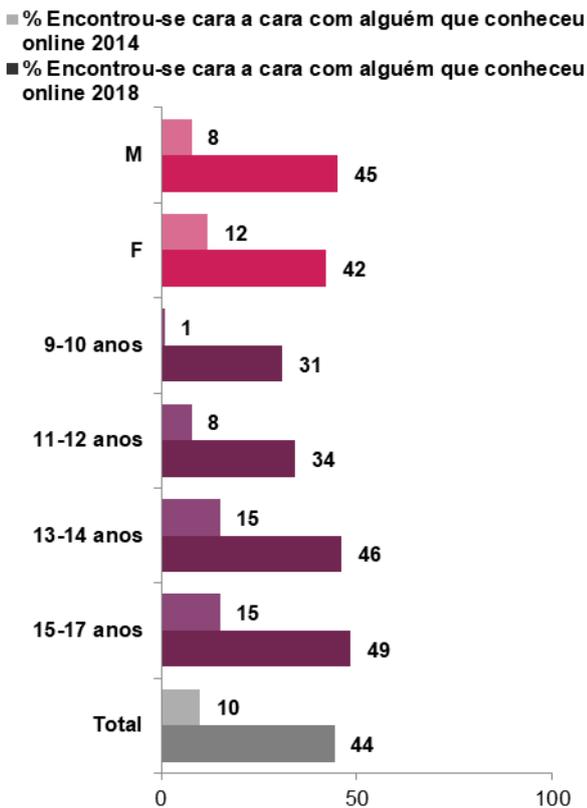
EU Kids Online 2010: QB1: No **ÚLTIMO ANO**, tiveste algum encontro com pessoas que conhecestes primeiro na internet?

Base: Crianças e jovens 9-16 anos que usam a internet (N=1001)

Conhecer pessoas novas, comunicar com elas
(Rapaz, 13 anos, resposta a QC3)

Os encontros cara a cara com pessoas que se conhecem na internet também registam uma subida expressiva entre os resultados de 2014 e os de 2018, como se vê na Figura 15.

Figura 15: Encontros cara a cara com pessoas que se conheceram na internet (confronto 2014 e 2018)



EU Kids Online 2018 QF12 No ÚLTIMO ANO, tiveste algum encontro cara a cara com alguém que tivesses conhecido primeiro na internet?

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que falaram na internet com alguém que não conheciam cara a cara (N=979).

Net Children Go Mobile 2014 Q37: Nos ÚLTIMOS DOZE MESES alguma vez te encontraste cara a cara com alguém que conhecestes primeiro na internet?

Base: Crianças e jovens 9-16 anos que usam a internet (N=501).

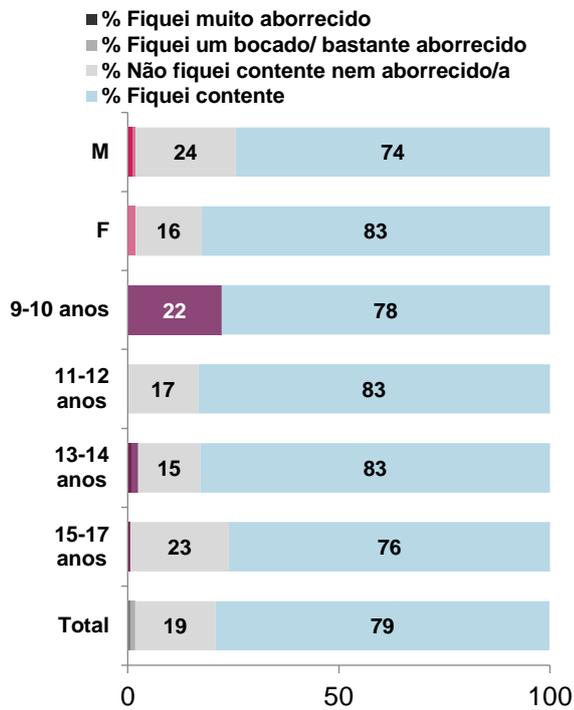
44% dos inquiridos reportam ter-se encontrado cara a cara com pessoas que conheceram na internet (Erro! A origem da referência não foi encontrada.15).

- **Ter encontros offline com pessoas que conheceram online** é uma situação mais comum entre adolescentes: **49% dos que têm 15-17 anos e 46% dos que têm 13-14 anos**. Contudo, cerca de **um terço** entre as idades mais novas também teve esses encontros.
- Ter encontros presenciais com pessoas que se conheceram online **pouco varia entre rapazes (45%) e raparigas (42%)**.
- Estes valores de 2018 apresentam um claro aumento relativo aos estudos de 2010 e 2014, como se vê na Figura 15.

Encontros offline com pessoas que se conheceram online não constituem necessariamente uma experiência negativa para crianças e jovens e podem mesmo proporcionar satisfação. Como mostra a Figura 16, a grande maioria, **79%** dos que tiveram esses encontros **ficaram contentes** por terem encontrado cara a cara uma pessoa que tinham conhecido na internet. Quase um quinto (**19%**) **não ficou nem contente nem perturbado**. Cerca de **2%** ficaram de **algum modo perturbados** com o encontro.

- Há diferenças significativas por idade. A **perturbação** foi expressa por **22% das crianças de 9-10 anos** que responderam à questão.
- **Ficar contente** foi mais expresso pelas idades intermédias (11-12 e 13-14 anos).
- As raparigas (83%) ficaram mais contentes com esses encontros presenciais do que os rapazes (74%).
- Para 24% dos rapazes os encontros não trouxeram nem contentamento nem incomodaram.

Figura 16: Reações a encontros offline com pessoas que conheceram online, por idade e género



EU Kids Online 2018: QF13: *Na última vez em que te encontre cara a cara com alguém que tinhas conhecido primeiro na internet, como te sentiste?*

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que tiveram encontro cara a cara com alguém que conheceram primeiro na internet (N=414). O número de não-respostas foi 64.

9. OUTROS RISCOS

Conteúdos negativos gerados por utilizadores

Os meios sociais permitem partilhar conteúdos gerados por utilizadores a uma escala dantes inimaginável. A criação e a partilha destes conteúdos é uma das principais oportunidades da web 2.0, a nível da criatividade e da literacia digital. Mas estes conteúdos gerados por utilizadores podem ser negativos. Por exemplo, conteúdos que promovem distúrbios alimentares (anorexia, bulimia), comportamentos de auto-mutilação, incitamento à discriminação e à violência contra certos grupos sociais.

A mim incomoda-me quando abro alguma rede social e vejo algo que me mete nojo ou medo. (Rapariga, 13 anos)

Ver vídeos de pessoas que se suicidaram. (Rapariga, 14 anos)

A mim incomoda-me a falta de civismo e os comentários racistas e homofóbicos que vejo. (Rapaz, 17 anos)

A exposição a estes conteúdos é frequente (Quadro 18): **quase metade dos inquiridos viu sites com imagens nojentas ou violentas contra pessoas e animais (46%)**, sites onde se falava de **modos de auto-mutilação (45%)** e com **mensagens de ódio contra certos grupos e indivíduos**, por exemplo, pessoas de cor, religião, nacionalidade ou sexualidade diferentes (43%). Cerca de um terço viu sites onde se falava de **experiências de consumo de drogas (35%)**, de **como ficar magro (32%)** e de **formas de suicídio (29%)**.

- **A exposição a todos estes conteúdos cresce com a idade.** Mais de metade entre os 14-17 anos assinalam ter visto sites com modos de auto-mutilação e sites com imagens nojentas e violentas. Mais de metade das raparigas desse grupo etário assinalam também ter visto mensagens de ódio contra grupos sociais e indivíduos.
- As raparigas reportam mais terem visto sites com estes conteúdos do que os rapazes. A maior diferença por género ocorreu nas referências a **sites com indicações sobre como emagrecer**, muito mais assinalados por raparigas em ambos os grupos etários.

Quadro 18: Viram conteúdos negativos gerados por utilizadores nos últimos 12 meses, por idade (11+) e género

% viram sítios na internet onde se fala sobre	11-13 anos		14-17 anos		Total
	M	F	M	F	
Imagens nojentas ou violentas (por exemplo, pessoas a ferirem outras pessoas ou animais) (N=1281)	26	30	51	59	46
Maneiras de as pessoas se magoarem ou se ferirem fisicamente (N=1281)	26	30	51	59	45
Mensagens de ódio contra certos grupos ou indivíduos (por exemplo, pessoas de cor, religião, nacionalidade ou sexualidade diferentes) (N=1284)	28	32	44	54	43
Pessoas a falar de experiências de consumo de drogas (N=1285)	16	17	41	44	35
Dicas para se ficar muito magro (ser anorético ou bulímico) (N=1288)	19	26	29	42	32
Formas de cometer suicídio (N=1280)	15	24	30	36	29

EU Kids Online 2018: QF50a-f: *No ÚLTIMO ANO, viste conteúdos ou conversas online onde pessoas falam ou mostram alguma destas coisas?*

Base: Crianças e jovens de 11-17 anos que usam internet (N=1377).

- Em relação a 2014, **a exposição a conteúdos inadequados cresceu exponencialmente** em todas as

categorias: a exposição a sites com mensagens sobre formas de automutilação passou de 6% para 45%; a sites com conteúdos discriminatórios de 8% para 43%; a sites com informações que incentivam distúrbios alimentares, de 5% para 32%; a sites onde se partilham experiências sobre consumo de drogas, de 4% para 35%; a sites com informação sobre formas de cometer suicídio, de 3% para 29%.

Mau uso de dados pessoais e outros riscos

Foram perguntadas ocorrências relativas a outros riscos que se podem encontrar online: riscos comerciais, como ser vítima de burla; riscos técnicos, como vírus e malware; e riscos que decorrem do mau uso de dados pessoais.

Anúncios a aparecerem a todo o tempo, sites com links perigosos que fazem com que o dispositivo que estamos a utilizar tenha vírus, e a possibilidade de alguém poder estar a ver-te quando tens a internet ligada ou a ler as tuas mensagens. (Rapariga, 15 anos)

O Quadro 19 mostra que o equipamento apanhar vírus continua a ser a experiência negativa mais referida: **17%** dizem que o seu computador ou telemóvel apanhou um **vírus**. Em segundo lugar, estão riscos comerciais, como gastar demasiado dinheiro em jogos e compras na internet, apontada por cerca de um em cada dez inquiridos.

A percentagem dos que reportam que os seus dispositivos apanharam vírus pouco varia com a idade mas **varia de modo significativo por género** com particular evidência no grupo mais jovem (11-12 anos): 22% entre rapazes, 10% entre raparigas. Em ambos os grupos etários, os rapazes lideram, destacados.

No que se refere a riscos relativos à privacidade: **7%** referem que **alguém usou a sua informação pessoal de um modo que não lhes agradou**, uma situação transversal a

idades e género; **8%** referem que **alguém usou a sua password** para aceder a informação e fingir a sua identidade, com o valor mais baixo a pertencer a raparigas mais novas (3%).

5% referem **ter perdido dinheiro** devido a burla na internet, sendo mais reportado por rapazes em ambos os grupos etários.

Mais frequente é **ter gasto demasiado dinheiro em jogos e aplicações** (9%). Isso acontece mais entre os 13 e 17 anos, com uma clara diferença de género: 18% entre rapazes, 3% entre raparigas. Também entre os mais novos, o valor reportado por rapazes (9%) é muito superior ao das raparigas (2%).

Quadro 19: Outras experiências negativas, por idade (11+) e género

% Outras experiências negativas	11-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	
O dispositivo (telemóvel, tablet, computador) que eu uso apanhou um vírus ou spyware (N=1764)	22	10	19	16	17
Gastei demasiado dinheiro em jogos online ou em compras feitas numa aplicação (N=1840)	9	2	18	3	9
Alguém usou a minha senha para aceder às minhas informações ou fazer-se passar por mim (N=1817)	10	3	7	8	8
Alguém usou as minhas informações pessoais de uma forma que eu não gostei (N=1786)	5	6	7	8	7
Perdi dinheiro por ter sido enganado/a na internet (N=1858)	6	3	8	2	5
Alguém descobriu onde eu estava porque viu a minha localização no telemóvel (N=1765)	3	2	4	6	4
Alguém criou uma página ou uma imagem sobre mim que era ofensiva (N=1835)	3	3	4	3	3

EU Kids Online 2018: QF60a-g No **ÚLTIMO ANO**, alguma destas coisas aconteceram contigo na internet? Base: Crianças e jovens de 11-17 anos que usam internet (N=1377).

Sharenting: partilhas por pais, amigos, professores

As pessoas simplesmente não têm de expor a sua vida nas redes sociais. (Rapariga, 15 anos)

A vida digital de crianças e jovens começa muitas vezes antes de usarem a internet, mesmo antes de nascerem - com a disseminação de imagens de ecografias, uma prática cada vez mais comum quando se anuncia a gravidez (Leaver, 2017). A partilha por parte dos pais de imagens e vídeos das crianças, ou comentários sobre situações engraçadas sobre as suas vidas, nas redes sociais, é designada como *sharenting*, o termo em língua inglesa que combina partilha (*share*) e parentalidade.

Esses traços digitais, sobre os quais crianças e jovens não têm controlo, vão ficar na rede e tornar-se parte da sua identidade digital. Além de serem uma forma de violação da sua privacidade, essas práticas contribuem para a crescente vigilância digital sobre crianças e jovens (Mascheroni & Holloway, 2019).

Por esse motivo, os pais estão a ter mais cautela quando escolhem o que partilhar on-line (Blum-Ross & Livingstone, 2017). Contudo, o *sharenting* começa a ser uma experiência relativamente comum, como mostra o Quadro 20.

28% referem que **os pais publicaram textos, vídeos ou imagens sobre eles sem lhes perguntarem se estavam de acordo.**

Há diferenças de género e de idade.

- Entre os mais novos, os rapazes (28%) expressam mais essa situação do que as raparigas (21%). Entre os mais velhos, os valores coincidem em quase um terço (31%) que reporta essa situação.

Quadro 20: Práticas de partilha e reações, por idade e género

% Outras experiências negativas	9-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	
Os meus pais publicaram coisas sobre mim na internet (comentários, fotos, vídeos) sem me perguntarem antes se eu concordava (N=1837)	28	21	31	31	28
Alguns amigos publicam informações sobre mim na internet sem me perguntarem antes se eu concordo com isso (N=1831)	13	14	28	36	25
Pedi aos meus pais para tirarem da internet coisas que eles tinham publicado (N=1852)	12	8	13	18	14
Fiquei aborrecido/a devido à informação que os meus pais publicaram online (N=1847)	11	10	15	13	13
Alguns professores publicam informações sobre mim na internet sem me perguntarem se eu concordo com isso (N=1840)	9	3	10	5	7
Recebi comentários negativos ou ofensivos por causa de coisas que os meus pais publicaram na internet (N=1854)	7	4	8	4	6

EU Kids Online 2018: QF80a-e No **ÚLTIMO ANO** quantas vezes te aconteceram estas coisas?

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que usam internet (N=1966).

- 14% pediram aos pais** para retirarem esses conteúdos. Essa situação é referida por quase um quinto das raparigas entre os 13 e os 17 anos.
- 13% ficaram incomodados** com a informação sobre si posta pelos pais na internet, com pouca variação por idade e género.
- Situações de disseminação de imagens uas por professores sem lhes ter sido pedido previamente o seu consentimento são apontadas por 7% dos inquiridos. Os rapazes reportam essa situação duas ou três vezes mais do que as raparigas.
- 6%** registam **ter recebido mensagens negativas ou ofensivas por causa de conteúdos sobre si publicados pelos pais.** Os rapazes reportam praticamente o dobro do que as raparigas.

- A **partilha de conteúdos por parte de amigos sem que o próprio dê consentimento** é uma prática que também caracteriza a relação de amizade: **25%** assinalam que os **amigos** publicaram coisas sobre si sem lhes perguntarem primeiro se estavam de acordo, com diferenças significativas por idade e género. Essa prática é mais referida nos 13-17 anos e mais por raparigas (36%) do que por rapazes (28%).

Dataficação e vigilância

Uma frente cada vez mais reconhecida nas questões do digital tem a ver com as consequências de **processos de dataficação** que permitem a captação de informação de práticas online dos indivíduos para efeitos comerciais ou por parte de serviços e organismos públicos. Essa foi uma pergunta colocada no módulo sobre **Internet das Coisas**.

Como se observa no Quadro 21, os inquiridos expressam bastante ou muita preocupação com possíveis consequências da digitalização. As situações mais referidas são de natureza fraudulenta, como a informação pessoal poder ser roubada ou perder dinheiro ou ser enganado (ambas com 87% e com valores mais elevados expressos por raparigas adolescentes).

As situações menos apontadas incluem processos de vigilância institucional e de utilização de informação para fins publicitários não desejados.

Não há um padrão diferenciador por idade e género, mas os rapazes adolescentes são quem menos aponta consequências como não poder usar serviços ou ter de pagar mais por eles, receber publicidade ou serviços não solicitados.

Quadro 21: Preocupação com vigilância digital, por idade (11+) e género

% dos que responderam ter 'alguma' ou 'muita' preocupação' sobre...	11-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	
A tua informação pessoal poder ser roubada (N=562)	88	80	78	95	87
Perder dinheiro ou ser enganado na internet (N=562)	83	85	80	94	87
Não poder usar serviços ou ter de pagar mais devido à informação pessoal recolhida online (N=537)	79	84	69	89	80
Limitar as tuas oportunidades escolares e de trabalho pela informação pessoal recolhida na internet (N=541)	76	82	72	87	79
Informação pessoal sobre ti poder ser usada para receberes publicidade ou serviços que não pediste (N=551)	88	84	65	86	77
A informação sobre ti poder ser partilhada com empresas ou com o governo, sem a tua autorização (N=546)	78	82	63	80	73

EU Kids Online 2018: QM5-3 *Pensando nestes dispositivos, como te sentes relativamente a riscos sobre informação pessoal (por exemplo, o teu nome, idade, morada, número de telemóvel, endereço de e-mail, o que fazes, quanto andas por dia, as conversas que tens com um brinquedo, etc?)*.

Base: Crianças e jovens (11-17 anos) que responderam ao módulo sobre Internet das Coisas (N=689).

Por seu lado, **seis em dez entrevistados** com mais de 11 anos que responderam ao módulo sobre **Cidadania Digital** (N= 588) assinalaram que, no último ano, **já se tinham encontrado em situações em que lhes teria sido útil saberem como empresas ou instituições governamentais acompanham o seu comportamento online**.

Essas situações são mais assinaladas entre adolescentes e mais apontadas por rapazes do que por raparigas (42% e 37%, respetivamente).

Uso excessivo da internet

O receio de que crianças e jovens passem demasiado tempo na internet e não consigam controlar o seu uso preocupa os pais e é um

tema recorrente dos chamados *media panics*. O problema parece ter aumentado com o uso do smartphone (Mascheroni & Ólafsson, 2014): sempre no bolso, cada vez mais integrado nas atividades diárias e percebido quase como uma extensão do corpo (Vincent & Fortunati, 2009).

Estar sempre alcançável por amigos e familiares tornou-se parte integrante das expectativas que regulam as relações interpessoais, e também do nosso senso de segurança pessoal. Isso gera uma forma de apego, ou dependência emocional, não tanto para o meio quanto para o que ele transmite: relacionamentos e conteúdos (Mascheroni & Vincent, 2016).

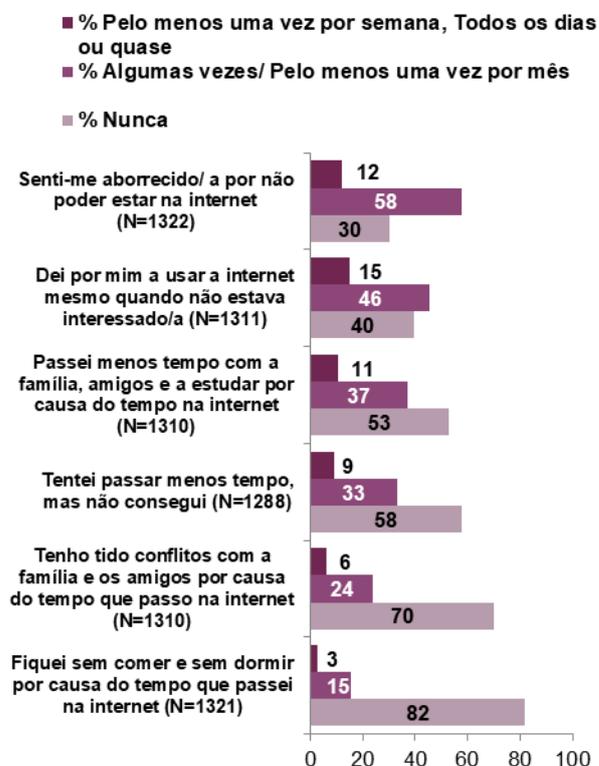
Recentemente, tem-se discutido o conceito estrito de "dependência da internet" em novos moldes: enquanto nos primeiros estudos o conceito de "dependência" da internet era caracterizado como distúrbios no controlo de impulsos e associado a outras situações e condições psicológicas, como os jogos de azar, os estudos mais recentes adoptam um "modelo de compensação" (Kardefeldt-Winther, 2014), segundo o qual o indivíduo recorre a um uso excessivo da internet para compensar dificuldades psicológicas e evadir-se de problemas. Prefere-se falar de "uso excessivo da internet" para indicar comportamentos que não são indicadores, necessariamente, de distúrbios psicológicos (Smahel et al., 2012).

A Figura 17 apresenta a frequência com que crianças e jovens experienciaram situações relacionadas com o uso excessivo da internet.

- Todos estes valores subiram em relação a 2014.
- Nestas seis formas de uso excessivo da internet, as situações mais reportadas foram: **sentir-se aborrecido/a quando não pode estar a usar a internet (70%)** e **dar por si a usar a internet mesmo quando não se tem um propósito**

(60%). São também as que têm mais frequência quase diária.

Figura 17: Percepções sobre o uso excessivo da internet (%)



EU Kids Online2018 QF70a-f No ÚLTIMO ANO, quantas vezes estas coisas aconteceram contigo?
Base: Crianças e jovens de 11-17 anos que usam internet (N=1377).

- **Ter tido conflitos com a família e amigos por causa do tempo passado na internet** é referido por **24%** como acontecendo **por vezes** e por **6%** como sendo **muito frequente**.
- **37%** assinalam que **por vezes passam menos tempo com os amigos e com a família** e deixam de estudar por causa da internet, e **11%** assinalam que acontece com **muita frequência**.

Deixar de comer ou de dormir por causa da internet, sendo o valor mais baixo em ambos os anos, subiu de 12% em 2014 para 18% em 2018.

10. A FAMÍLIA

A experiência online dos mais novos sempre suscitou debate social por articular dimensões socio-culturais, tecnológicas e político-económicas. Os pais são, como o grupo de pares e a escola, uma importante fonte de mediação do uso da internet por crianças e adolescentes. De facto, é no contexto doméstico que o uso da internet é modelado, regulado e adoptado à cultura e ao ritmo da família.

Estudos recentes demonstram que as estratégias com que os pais procuram regular o uso da internet podem ser consideradas em duas macro-categorias (Livingstone et al., 2017): a *mediação de tipo capacitante*, que inclui todas as formas de mediação ativa do uso da internet e da segurança online (ou seja, que sugere um uso positivo da tecnologia); e a *mediação de tipo restritivo* que condiciona o tempo passado online ou interdita atividades e plataformas, fazendo ainda uso de software de controlo parental ou de outros filtros.

A mediação familiar não se processa apenas de pais para filhos, ela é construída em conjunto por pais e filhos. Crianças e adolescentes podem ajudar os pais, pedir-lhes ajuda ou ignorar os seus conselhos.

Além de perguntas usadas nos questionários de 2010 e 2014, o questionário de 2018 tem novas perguntas que visam caracterizar o ambiente familiar em geral e o envolvimento e a reação dos jovens na combinação de distintas estratégias de mediação da sua família.

Ambiente e intervenção familiar

Como vimos no primeiro ponto deste relatório, a larga maioria das crianças e adolescentes portugueses considera que a sua família tem uma boa posição social. Nas perguntas sobre

o seu lar, a larga maioria apresenta-os como espaços que lhes proporcionam proteção, segurança e estímulo. Contudo, consideram que aquilo que dizem suscita pouca atenção, como se vê no Quadro 22.

Quadro 22 Ambiente familiar, por idade e género

% dos que respondem ser 'mesmo verdade'	9-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	
Em casa sinto-me em segurança (N=1883)	73	78	73	76	75
A minha família tenta ajudar-me (N=1884)	69	76	64	64	67
Quando falo, as pessoas dão atenção ao que digo (N=1871)	26	40	31	31	32

EU Kids Online 2018: Q12a-c Até que ponto as seguintes afirmações sobre a tua família e a tua casa são verdadeiras?

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos (N=1974).

Três em quatro inquiridos, quase sem variações por idade ou género, indicam ser "mesmo verdade" que em casa se sentem em segurança e cerca de dois terços (67%) assinalam que podem contar com a ajuda dos pais em caso de necessidade.

Estes valores contrastam com a menor concordância de que são ouvidos com atenção pelos pais. Apenas cerca de um terço o refere, com uma variação significativa por género entre os mais novos: um quarto dos rapazes de 9-12 anos concorda, para 40% das raparigas da mesma idade.

Entre adolescentes, não há variações de género nestes três indicadores, o que está em linha com o processo de construção de uma identidade autónoma, própria da idade.

O reforço positivo por parte dos pais é destacado por perto de três quartos dos entrevistados (72%), que referem ser "bastante" ou "mesmo verdade" que os pais os elogiam quando se portam bem (Quadro 23). De novo, esse reforço positivo é mais destacado entre os 9-12 anos e é mais

expresso por raparigas do que por rapazes dessas idades.

Cerca de dois terços (63%) dos entrevistados destacam existirem regras sobre o que podem fazer em casa. O reconhecimento é mais expresso na faixa dos 9-12 anos, com os rapazes a referirem mais essa existência do que as raparigas.

Estas diferenças que surgem de forma consistente sugerem formas de socialização e de regulação diferenciadas por género nestas idades que antecedem a adolescência, por parte dos pais portugueses.

Quadro 23: A intervenção parental, por idade e género

% dos que respondem ser 'bastante' ou 'mesmo verdade'	9-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	

Os meus pais elogiam-me quando me porto bem (N=1883)

77	83	66	69	72
----	----	----	----	----

Os meus pais definem regras sobre o que eu posso fazer em casa (N=1875)

75	67	60	58	63
----	----	----	----	----

EU Kids Online 2018: Q13a-b *Com que frequência estas situações se passam contigo? Se vives um igual período de tempo em vários sítios, tem em conta a casa onde vais dormir hoje.*

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos (N=1974).

O inquérito Net Children Go Mobile, de 2014, respondido por crianças e jovens (9-16 anos) apresentava os pais portugueses com valores elevados (na ordem dos 70%) tanto no que se refere a formas de mediação social ativa da internet (conversar com os filhos ou sentar-se ao seu lado quando estão a usar) como no que se refere a formas de mediação social restritiva, como condicionar ou proibir certas atividades.

Mantendo as perguntas anteriores, em 2018 a análise incide sobre um novo modelo de leitura das respostas que tem em atenção a frequência com que essas formas de mediação se verificam.

A mediação capacitante

Não ignorando a existência de riscos nos usos da internet, a mediação capacitante procura uma abordagem de tipo positivo, que desenvolva competências tecnológicas e sociais para crianças e jovens lidarem com riscos e tirem partido das oportunidades do meio.

A preocupação dos pais quanto a riscos na internet e as suas próprias competências digitais reflectem-se na forma de mediação capacitante que mais adoptam. Por isso, fomos ver as respostas onde a frequência é mais elevada, ou seja, quando acontece *muitas vezes* ou *quase sempre* (Quadro 24).

Quadro 24: Mediação capacitante por parte dos pais, por idade e género

% dos que respondem 'muitas vezes' ou 'quase sempre'	9-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	

Sugerem modos de usar a internet de forma segura (N=1834)

45	58	36	46	45
----	----	----	----	----

Ajudam-me quando alguma coisa me aborrece na internet (N=1772)

41	54	33	40	41
----	----	----	----	----

Falam comigo sobre o que faço online (N=1828)

32	39	23	33	31
----	----	----	----	----

Encorajam-me a explorar e a aprender coisas na internet (N=1835)

22	15	25	16	20
----	----	----	----	----

EU Kids Online 2017: Q14a-j *Quando estás a usar a internet, com que frequência os teus pais fazem estas coisas?*

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que usam internet (N=1966).

Apenas um em cinco afirma que **os seus pais encorajam com frequência a explorar e a aprender coisas na internet de modo autónomo.**

- Esta atitude valorizadora da curiosidade é mais reportada por rapazes, em ambas as faixas etárias.

Cerca de um terço (31%) **refere falar com frequência com os pais sobre o que faz na internet.**

- Este valor desce com a idade e em ambas as faixas etárias é mais reportado por raparigas (35%) do que rapazes (27%).

Para perto de metade dos inquiridos, **os pais dão-lhes com frequência conselhos sobre como usar a internet de forma segura (41%) e sugerem-lhes formas de usar a internet em segurança (45%).**

- Também estes valores descem com a idade e são mais reportados por raparigas, de ambas as faixas etárias.

Para a grande maioria, formas de mediação ocorrem de forma ocasional ou não ocorrem mesmo:

- Os mais novos (9-12 anos) continuam a ter mais mediação parental. São quem recebe **mais conselhos sobre como usar a internet em segurança e mais ajuda quando alguma coisa os/as incomoda na internet.**
- Diferenças significativas por género são notórias em ambas as idades, sugerindo estereótipos sobre género e tecnologia. As raparigas parecem ser menos encorajadas a explorar e a aprender coisas na internet, é com elas que os pais mais conversam sobre o que fazem online, são elas quem recebe mais conselhos sobre usos em segurança e mais ajuda parental quando algo as incomoda.

A mediação 'de baixo'

Vejamos duas mediações "de baixo": a iniciativa da criança ou do adolescente em falar com os pais sobre algo que foi perturbador; e a ajuda que presta aos pais quando estes têm dificuldades na internet. Como o Quadro 25 mostra, a segunda situação é mais frequente: cerca de seis em dez inquiridos referem ajudar os pais em caso de dificuldades na internet, o que é sinal de

reconhecimento da sua competência tecnológica por parte dos pais. Por outro lado, apenas cerca de um quarto refere ter tomado a iniciativa de falar com os pais sobre coisas que as/os incomodaram na internet.

Quadro 25: A mediação 'de baixo', por idade e género

% dos que respondem 'muitas vezes' ou 'quase sempre'	9-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	
Ajudei os meus pais a fazerem coisas que eles achavam difícil na internet (N=1834)	45	58	59	69	59
Pedi ajuda aos meus pais numa situação da internet que não conseguia resolver (N=1809)	32	45	19	28	29
Falei aos meus pais sobre coisas que me aborreceram ou perturbaram na internet (N=1793)	25	43	15	26	26

EU Kids Online 2018: Q15a-f **ALGUMAS VEZES fizeste alguma das seguintes coisas?**

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que usam internet (N=1966).

Notam-se diferenças por idade e género:

- **Os mais novos** referem mais falar com frequência com os pais sobre situações que perturbaram na internet e pedir a sua ajuda em situações que não conseguiram resolver. As raparigas de 9-12 anos referem mais essas duas iniciativas do que os rapazes.
- Por sua vez, os adolescentes (13-17 anos) apresentam valores mais elevados quanto a ajudarem com frequência os pais em situação de dificuldade.
- As raparigas adolescentes referem mais as três situações - tomar a iniciativa de conversar com os pais sobre o que incomodou, ajudar os pais e receber a sua ajuda - do que os rapazes da sua idade.

A mediação restritiva

Quase todos os inquiridos indicam que **podem fazer uso de redes sociais** (7% não tem autorização para usar), **fazer download**

de músicas e filmes (5% não tem autorização) e usar a webcam ou a câmara vídeo do telemóvel (9% não tem autorização), como se vê no Quadro 26.

Quadro 26: A mediação restritiva, por idade e género

% dos que não têm autorização para ...	9-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	
	Usar uma câmara web ou de telefonel (por exemplo, para uma conversa por skype ou vídeo) (N=1607)	22	17	5	
Usar uma rede social (Facebook, Snapchat, Instagram, Twitter) (N=1766)	18	11	3	2	7
Descarregar músicas e filmes (N=1765)	11	10	2	1	5

EU Kids Online 2018: Q16a-c Os teus pais deixam-te fazer estas coisas na internet? Se sim, tens de lhes pedir autorização?

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que usam internet (N=1966).

- As restrições a estes recursos e atividades são mais elevadas entre os mais novos (9-12 anos) e quase residuais entre adolescentes.
- A interdição a usar câmaras fotográficas ou de vídeo varia com a idade e com o género. Entre os 9-12 anos, essa interdição é mais expressa por rapazes do que por raparigas (22% e 17% respectivamente).
- Diferenças significativas também por idade e género ocorrem na interdição a fazerem uso de redes sociais. Na faixa etária dos 9-12 anos, 18% rapazes e 11% de raparigas registam não ter permissão para usar redes sociais.
- Estes resultados significam que a larga maioria de crianças mais novas (9-12 anos) pode fazer uso de redes sociais sem restrições.

Os valores da mediação restritiva sobre as práticas dos pais são assim relativamente baixos e apontam claramente para uma menor intervenção junto de adolescentes.

A mediação técnica

As respostas das crianças e jovens sobre o uso de dispositivos e processos de controlo parental, como filtros, por parte dos seus pais confirmam a baixa presença nas famílias portuguesas com crianças e jovens (Simões, 2012; Ponte et al., 2017).

Apenas cerca de um quinto dos pais usa dispositivos para bloquear ou filtrar conteúdos (22%) ou para seguir pegadas digitais, vendo o que os filhos guardam e as aplicações que usam (21%). O controlo geográfico é referido apenas por 14% (Quadro 27).

Há diferenças de novo por idade e género:

- Os três tipos de restrição técnica ocorrem muito mais entre os mais novos do que entre os mais velhos;
- Há clara diferença por género no que se refere a restrições de conteúdos: as raparigas de 9-12 anos referem muito mais do que os rapazes que os seus pais restringem o acesso a certos conteúdos (respetivamente 41% e 28%).
- Entre os mais velhos, de 13-17 anos, são os rapazes que mais apontam que os pais fazem uso destes três tipos de controlo técnico.

Quadro 27: A restrição técnica, por idade e género

% dos pais que usam	9-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	
	Controlos parentais, filtros ou outros modos de bloquear certos conteúdos (N=1533)	28	41	17	
Controlos parentais ou outros modos de saber que sites ou aplicações usas (N=1530)	34	32	16	12	21
Tecnologia GPS para saberem onde estou (N=1602)	20	20	14	6	14

EU Kids Online 2018: Q17: Os teus pais usam alguma destas coisas?

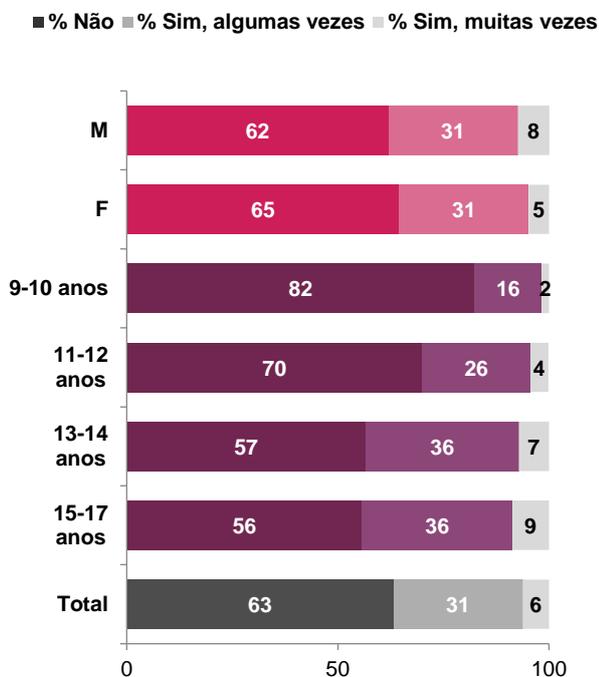
Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que usam internet (N=1966).

Os filhos

Cerca de um terço dos inquiridos (37%) registou já ter ignorado algumas ou muitas vezes as regras dos pais, para quase dois terços que as seguem (Figura 18).

- Os que **mais respeitam as regras dos pais são as crianças de 9-10 anos** (apenas 18% ignoram muitas ou algumas vezes).
- Ignorar as regras estabelecidas pelos pais vai aumentando com a idade e estabiliza na adolescência, com um pouco mais de metade a registar que o faz. Também nessa faixa etária aumenta a frequência com que as regras são muitas vezes ignoradas.
- Por género, as diferenças são ligeiras. Os rapazes ignoram um pouco mais as regras estabelecidas pelos pais.

Figura 18: Ignorar as regras dos pais, por idade e género



EU Kids Online 2018: Q113 *Alguma vez ignoraste o que os teus pais te disseram sobre como e quando podias usar a internet?*

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos que usam internet (N=1966). O número de não-respostas foi 197.

11. A ESCOLA, O GRUPO DE PARES, A COMUNIDADE

O contexto escolar

O **sentimento de pertença à comunidade escolar e de apoio por parte dos professores** expressos por crianças e jovens portugueses **registra valores globalmente positivos e muito próximos**: 77% afirmam que os colegas são simpáticos e disponíveis para si; 72% sentem que pertencem à escola e que os professores se preocupam com eles enquanto pessoas; 71% reportam sentir-se seguros na escola e 69% assinalam que podem contar com pelo menos um professor se sentirem necessidade (Quadro 28).

Quadro 28: Ambiente e apoio da escola, por idade e género

% dos que 'concordam bastante' ou estão 'totalmente de acordo'	9-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	
Os meus colegas são simpáticos e ajudam-me (N=1867)	80	79	79	74	77
Sinto-me pertença à minha escola (N=1849)	78	76	69	69	72
Os meus professores importam-se comigo enquanto pessoa (N=1827)	77	81	69	68	72
Sinto-me em segurança na escola (N=1851)	70	74	70	70	71
Há pelo menos um professor com quem posso falar se tiver um problema (N=1770)	74	75	67	67	69

EU Kids Online 2018: QJ1a-e *Estas frases são sobre a tua escola, professores e colegas. Diz-nos até que ponto concorda ou não com cada uma delas.*

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos (N=1974).

Há diferenças significativas por idade.

- Todas as afirmações merecem maior concordância por parte dos entrevistados mais novos (9-12 anos) do que por parte mais velhos (13-17). As maiores diferenças dizem respeito ao sentimento de pertença à escola e a poderem contar com algum professor se tiverem algum problema.

A mediação dos professores

Embora o acesso e o uso da internet em ambiente escolar tenham já um histórico nas escolas portuguesas, a mediação da internet por parte dos professores apresenta valores relativamente baixos no que se refere ao grau de frequência elevada com que ocorre.

Um terço dos inquiridos (33%) indica ter recebido com muita ou bastante frequência sugestões por parte dos professores sobre como usar a internet em segurança (Quadro 29). Também um terço indica que os professores os encorajaram a explorar e a aprender coisas na internet. O estabelecimento frequente de regras é apontado também por cerca de um terço dos entrevistados (34%).

Por outro lado, 16% assinalaram que pelo menos um professor os ajudou quando algo os incomodou na internet. Este valor é, contudo, bastante superior ao indicado relativamente aos professores enquanto pessoas com quem crianças e jovens falaram quando viveram situações que os incomodaram na internet (Quadro 12).

- O reconhecimento de intervenções frequentes quer de **mediação restritiva** (ou seja, o uso de regras) quer de **mediação ativa para a segurança online** (aconselhar como usar a internet em segurança, ajudar quando algo incomoda e a gerir situações problemáticas) por parte de professores **diminui com o aumento da idade** (Quadro 29).

Quadro 29: A mediação da internet na escola, por idade e género

% dos que responderam 'muitas vezes' ou 'quase sempre'...	9-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	
	Sugeriu-me formas de usar a internet em segurança (N=1782)	38	42	31	
Encorajou-me a explorar e a aprender coisas com a internet (N=1775)	31	31	34	33	33
Estabeleceu regras sobre o que posso fazer na internet na escola (N=1764)	39	42	34	29	34
Ajudou-me no passado quando alguma coisa me incomodou na internet (N=1729)	23	20	15	11	16

EU Kids Online 2018: QJ2a-c e QJ2h *Algum dos teus professores já fez alguma destas coisas?*

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos (N=1974).

- As crianças de 9-12 anos são as que mais referem o estabelecimento de regras por parte dos professores.
- Em ambas as faixas etárias, os rapazes registaram mais ter recebido ajuda por parte de professores quando algo os perturbou.
- Por seu lado, não varia praticamente por idade e género o indicador relativo ao incentivo recebido por parte dos professores para que explorem e aprendam coisas com a internet, apontado por cerca de um terço das crianças e jovens.

Concluimos este ponto com os temas identificados por crianças e jovens como tratados com frequência na escola, no se refere à aquisição de competências digitais e onde se incluem competências cívicas. Estas respostas foram retiradas do módulo sobre **Cidadania Digital**, aplicado a crianças e jovens de 11 a 17 anos e apresentam-se ordenadas no Quadro 30.

Quadro 30: Competências trabalhadas na escola, por idade (11+) e género

% dos que responderam 'muitas vezes' ou 'quase sempre'...	11-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	
	Estar em segurança online (N=605)	47	49	35	
Como saber adequar a mensagem à pessoa a quem se destina (N=594)	31	53	34	34	35
Como respeitar direitos de autor (N=598)	34	43	28	28	29
Ajudar uma pessoa que vemos que está a ser maltratada online (N=609)	29	31	27	27	27
Partilhar informações pessoais na internet (N=614)	31	34	23	22	24
Falar com estranhos na internet (N=619)	34	33	24	21	23
Partilhar conteúdos sexuais ou imagens de pessoas nuas na internet (N=611)	25	21	22	18	20
Como distinguir notícias verdadeiras de notícias falsas (N=596)	19	24	19	20	20
Oportunidades de participação cívica online (N=605)	16	8	19	18	18
Modos como as empresas ou o governo podem seguir a tua pegada digital (N=591)	13	14	19	13	15
Como participar em debates públicos online (N=593)	13	14	17	11	14
Como estar informado online sobre questões políticas (N=591)	13	14	16	12	14

EU Kids Online2018 QM3-2a-j *Nos ÚLTIMOS 12 MESES, quantas vezes recebeste formação na escola sobre os seguintes assuntos:*

Base: Crianças e jovens (11-17 anos) que responderam ao módulo sobre Cidadania Digital (N=692).

Como se observa na listagem, os temas cobrem não só competências relacionadas com a segurança digital e de gestão de riscos, mas também competências comunicacionais (adequar a mensagem ao destinatário), informacionais (respeitar direitos de autor, verificar informação noticiosa), sociais (ajudar vítimas de maus tratos na internet) e de participação.

A variação percentual no que se refere à frequência elevada do tratamento dos temas é relativamente baixa, oscilando entre um pouco mais de um terço e um quinto nos registos dos

inquiridos. Os dois temas com menor presença remetem para participação cívica e política.

Há variações por idades e género nestas respostas.

Os mais novos (11-12 anos) referem mais do que os mais velhos (13-17) os temas tradicionalmente mais associados a riscos da internet (partilha de informações; falar com estranhos; conteúdos de cariz sexual) e o tema do respeito pelos direitos de autor. Os rapazes mais velhos referem mais o tema das oportunidades de participação cívica.

Atendendo a que crianças e jovens frequentam turmas mistas - portanto, recebendo a mesma formação por parte dos professores - tem interesse analisar diferenças significativas por género, dentro de cada grupo de idade:

- Mais de metade (53%) das raparigas mais novas destaca a adequação da mensagem ao destinatário, muito acima do valor reportado pelos rapazes (31%). Também destacam mais o respeito pelos direitos de autor e a distinção entre notícias verdadeiras e falsas. Por outro lado, registam menos do que eles o tema das oportunidades de participação cívica.
- A variação por género é menor entre os adolescentes. Contudo, também as raparigas adolescentes registam menos do que os rapazes da sua idade terem trabalhado com frequência competências relacionadas com vigilância digital e participação em debates públicos online.

O grupo de pares

Os resultados sobre o apoio e o sentimento de pertença ao grupo de pares configuram laços fortes de amizade para cerca de três quartos dos inquiridos portugueses (Quadro 31): 72%

declaram ser *bastante* ou *mesmo verdade* que os amigos tentam ajudá-los quando precisam; 78% sentem que podem contar com os amigos quando as coisas correm mal, o mesmo valor dos que referem que podem falar sobre os seus problemas com amigos. Como reverso destes valores, um terço não destaca como veemência essa situação de proximidade com pares.

Quadro 31: Apoio de pares, por idade e género

% dos que responderam 'bastante' ou 'mesmo verdade'	9-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	
Posso falar com os meus amigos quando tenho problemas (N=1833)	73	80	77	81	78
Posso contar com os meus amigos quando as coisas correm mal (N=1833)	76	82	78	80	78
Os meus amigos procuram mesmo ajudar-me (N=1825)	67	76	71	77	72

EU Kids Online 2018: QK1a-c *Até que ponto estas situações são verdadeiras para ti?*

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos (N=1974).

- As raparigas referem mais apoio por parte das suas relações de amizade do que os rapazes.
- Embora as variações por idade sejam relativamente baixas, é na adolescência que mais se afirma a intensidade da relação com amigos.

Os amigos são, a seguir aos pais, as pessoas a quem os entrevistados dizem mais recorrer quando algo os incomoda na internet (Quadro 10). Cerca de um quinto dos inquiridos assinala serem bastante frequentes as mediações de tipo capacitante recebidas por parte dos amigos no que se refere à segurança e à exploração na internet. Assim, 22% referem que *muitas vezes* ou *quase sempre* os amigos os estimulam a **explorar e a encontrar novas coisas na internet**. Também 22% referem que, com essa frequência, os amigos os ajudaram a usar a internet com segurança.

Por fim, um em cada quatro entrevistados recebeu com frequência ajuda de amigos quando teve problemas na internet, como se pode ver no Quadro 32.

Quadro 32: Mediação de amigos, por idade e género

% dos que responderam 'muitas vezes' ou 'quase sempre'	9-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	
	Ajudou-me no passado quando alguma coisa me incomodou na internet (N=1754)	22	23	23	
Encorajou-me a explorar e a aprender coisas com a internet (N=1788)	22	23	24	20	22
Sugeriu-me formas de usar a internet de forma segura (N=1800)	25	25	22	20	22

EU Kids Online 2018: QK2ab e QK2g *Algum dos teus amigos já fez alguma destas coisas contigo?*
Base: Crianças e jovens de 9-17 anos (N=1974).

- As raparigas adolescentes (13-17 anos) são quem mais indica ter recebido com frequência ajuda de amigos quando tiveram problemas na internet.
- Os inquiridos mais novos (9-12 anos), sem diferença de género, referem um pouco mais que os amigos lhes sugeriram com frequência formas seguras de usar a internet.

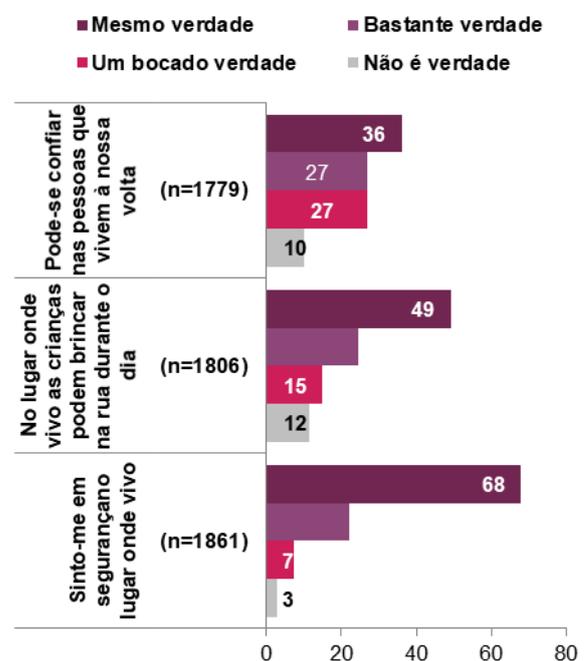
O local onde se vive

Este questionário procurou caracterizar a relação de bem-estar e de segurança de crianças e jovens portugueses em relação ao local onde vivem, aferindo três indicadores: a percepção de segurança, de vivência no espaço exterior e de confiança com quem vive no mesmo local.

Como se observa na Figura 19, cerca de dois terços, 68%, das crianças e jovens assinalaram ser muito verdade que se consideram em segurança no local onde vivem e apenas 3% registou tal não ser verdade. A concordância plena desce no que se refere à possibilidade de as crianças poderem brincar

na rua em segurança, no lugar onde vivem: apenas 49% regista ser bastante ou muito verdade. Esta afirmação suscita o valor mais elevado de registos de que é falsa (12%). Por fim, o menor grau de concordância plena refere-se ao sentimento de confiança para com quem vive perto: apenas 36% regista que tal é muito verdade, enquanto 10% registam que a afirmação é falsa.

Figura 19: Percepção de segurança e bem-estar no local onde vive



EU Kids Online 2018 Qk4a-c *Até que ponto as seguintes afirmações são verdadeiras para ti?*
Base: Crianças e jovens de 9-17 anos (N=1974).

As diferenças de idade estão mais presentes do que diferenças de género, como se pode ver no Quadro 33.

Quadro 33: Percepção de segurança e bem estar no local onde vive, por idade e género

% dos que respondem 'bastante' ou 'mesmo verdade'	9-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	
Sinto-me em segurança no lugar onde vivo (N=1861)	87	93	90	90	90
No lugar onde vivo as crianças podem brincar na rua durante o dia (N=1806)	68	68	79	76	74
Pode-se confiar nas pessoas que vivem à nossa volta (N=1779)	63	66	67	59	63

EU Kids Online 2018 Qk4a-c Até que ponto as seguintes afirmações são verdadeiras para ti?

Base: Crianças e jovens de 9-17 anos (N=1974).

Os valores relativos ao sentimento de segurança variam pouco com a idade, com um ligeiro destaque por parte das raparigas de 9-12.

O indicador referente à confiança para com as pessoas que vivem próximo de si também não varia muito por idade e género.

Sugerindo uma maior proximidade com a situação, os mais novos concordaram menos do que os adolescentes com a afirmação de que as crianças podem brincar na rua, sem diferenças de género.

Sobre consequências do RGPD

O Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD) da União Europeia começou a produzir efeitos a 25 de maio de 2018. Entre outras medidas, os menores de 16 anos passaram formalmente a precisar de consentimento parental antes de aceder a serviços da sociedade de informação.

A fim de auscultar como adolescentes e pré-adolescentes europeus consideram essa medida foi introduzida uma questão no Módulo sobre **Internet das Coisas**. Em Portugal, à data deste relatório, o projeto-lei do governo – que aponta os 13 anos como idade que dispensava esse consentimento - aguardava a votação da Assembleia da República.

Vejamos as respostas dos jovens portugueses, no Quadro 34.

Quadro 34: Concordância com consequências da aplicação da RGPD, por idade e género

% dos que 'concordam totalmente' ou 'concordam com...'	11-12 anos		13-17 anos		Total
	M	F	M	F	
Seria mais difícil para os jovens manterem-se em contacto com os amigos (N=589)	54	71	66	71	68
Os jovens não se sentiriam à vontade se os pais soubessem o que eles fazem nas redes sociais (N=563)	61	56	62	71	66
Os jovens poderiam beneficiar mais dos conselhos dos pais (N=567)	68	67	60	67	62
Seria menos confortável usar aplicações e outros serviços se os pais soubessem do seu uso (N=568)	55	69	62	58	60
Seria prejudicial para a privacidade deles (N=564)	44	50	58	59	57
Os jovens deixariam de ter responsabilidade sobre as suas decisões (N=559)	53	46	51	55	53
Iria dificultar-lhe o uso da internet para trabalhos da escola, pesquisas sobre saúde, participação em questões cívicas ou políticas (N=569)	58	60	46	53	50
Os jovens poderiam sentir-se mais seguros online (N=571)	50	45	45	48	46

EU Kids Online 2018 M5-4a-h. No futuro, é possível que jovens com menos de 16 anos tenham de pedir autorização aos pais para utilizar as redes sociais, aplicações e dispositivos inteligentes. Até que ponto concordas ou discordas sobre as seguintes afirmações? Base: Crianças e jovens (11-17 anos) que responderam ao módulo sobre Internet das Coisas (N=689).

O leque de concordância vai de cerca de metade a dois terços dos inquiridos e há poucas variações significativas por idade e género.

As três afirmações que mereceram maior concordância apontam sentidos complementares. Por um lado, sugerem implicações negativas que essa medida traria para a sua relação com amigos (mais registada por raparigas, de ambas as faixas etárias) e para as suas práticas nas redes sociais (destacada por raparigas

adolescentes). Por outro, consideram implicações positivas que poderiam decorrer de mais aconselhamento parental (outra resposta onde se destacam as raparigas adolescentes., além dos internautas mais novos).

Os inquiridos mais novos (11-12 anos) são os que mais apontam consequências negativas dessa necessária autorização parental no que se refere ao uso da internet para trabalhos escolares e outras pesquisas, e aplicações, registadas por cerca de dois terços dos inquiridos.

Por seu lado, menos de metade (46%) concorda com a afirmação de que essa medida iria contribuir para sua segurança digital e cerca de metade aponta consequências negativas para o incremento da responsabilidade pessoal e o uso da internet para finalidades diversas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barbovschi, M., Marinescu, V., Velicu, A., & Laszlo, E. (2012). Meeting New Contacts Online. In S. Livingstone, L. Haddon and A. Görzig (eds) *Children, Risk and safety on the Internet* (pp.177–189). Bristol: Policy Press.
- Blum-Ross, A., & Livingstone, S. (2017). “Sharenting,” parent blogging, and the boundaries of the digital self. *Popular Communication*, 15(2), 110-125.
- Haddon, L. (2004). *Information and Communication Technologies in Everyday Life*. Oxford: Berg.
- Ito, M. (2017) How dropping screen time rules can fuel extraordinary learning. *Parenting for a digital future*. Available from: <http://blogs.lse.ac.uk/parenting4digitalfuture/2017/06/21/how-dropping-screen-time-rules-can-fuel-extraordinary-learning/>
- Ito, M., Baumer, S., Bittanti, M., boyd, d., Cody, R., Herr-Stephenson, B., Tripp, L., et al. (2010). *Hanging Out, Messing Around, Geeking Out: Kids Living and Learning with New Media*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Kardefelt-Winther, D. (2014). A conceptual and methodological critique of internet addiction research: Towards a model of compensatory internet use. *Computers in Human Behavior*, 31, 351-354.
- Leaver, T. (2017). Intimate Surveillance: Normalizing Parental Monitoring and Mediation of Infants Online. *Social Media+ Society*, 3(2).
- Livingstone, S. (2009). *Children and the Internet: Great Expectations, Challenging Realities*. Cambridge: Polity Press.
- Livingstone, S. & Blum-Ross, A. (2017) The trouble with ‘screen time rules’. *Parenting for a digital future*. Available from: <http://blogs.lse.ac.uk/parenting4digitalfuture/2017/06/08/the-trouble-with-screen-time-rules/>
- Livingstone, S., Haddon, L., Görzig, A., & Ólafsson, K. (2011). *Risks and Safety on the Internet: The Perspective of European Children. Full Findings*. London: LSE, EU Kids Online. Available from: <http://eprints.lse.ac.uk/33731/>
- Livingstone, S., Haddon, L., & Görzig, A. (eds) (2012). *Children, Risk and Safety Online: Research and Policy Challenges in Comparative Perspective*. Bristol: Policy Press.
- Livingstone, S., Hasebrink, U., & Görzig, A. (2012). ‘Towards a General Model of Determinants of Risks and Safety.’ In S. Livingstone, L. Haddon and A. Görzig (eds) *Children, Risk and Safety on the Internet* (pp.323-339). Bristol: Policy Press.
- Livingstone, S., & Helsper, E.J. (2007). Gradations in digital inclusion: children, young people and the digital divide. *New Media & Society*, 9 (4), 671-696.
- Livingstone, S., Ólafsson, K., Helsper, E. J., Lupiáñez-Villanueva, F., Veltri, G. A., & Folkvord, F. (2017). Maximizing opportunities and minimizing risks for children online: The role of digital skills in emerging strategies of parental mediation. *Journal of Communication*, 67(1), 82-105.
- Livingstone, S., Ólafsson, K., Staksrud, E. (2011). *Social Networking, Age and Privacy*. London: EU Kids Online. Available at <http://eprints.lse.ac.uk/35849/>
- Mascheroni, G. (2012) (a cura di) *I ragazzi e la rete. La ricerca EU Kids Online e il caso Italia*. Brescia: La Scuola.
- Mascheroni, G., & Holloway, D. (Eds.) (2017). *The Internet of Toys: A report on media and social discourses around young children and IoT*. DigiLitEY.
- Mascheroni, G. & Ólafsson, K. (2018). *Accesso, usi, rischi e opportunità di internet per i ragazzi italiani. I risultati di EU Kids Online 2017*. EU Kids Online e Osscom.
- Mascheroni, G. & Holloway, D. (2019). The quantified child: Discourses and practices of dataveillance in different life stages. In Erstad, O., Flewitt, R., Kümmerling-Meibauer, B. and Pires Pereira, I. (Eds.) *The Routledge Handbook of Digital Literacies in Early Childhood*.
- Mascheroni, G. & Ólafsson, K. (2014) *Net Children Go Mobile: Risks and opportunities* (2nd ed). Milano: Educatt.

- Mascheroni, G., & Ólafsson, K. (2016) The mobile Internet: Access, use, opportunities and divides among European children. *New Media & Society*, 18(8), pp. 1657-1679.
- Mascheroni, G., & Vincent, J. (2016). Perpetual contact as a communicative affordance: opportunities, constraints and emotions. *Mobile Media and Communication*, 4(3), 310-326.
- Mascheroni, G., & Ólafsson, K. (2018). *Accesso, usi, rischi e opportunità di internet per i ragazzi italiani. I risultati di EU Kids Online 2017*. EU Kids Online e Osscom
- Pearce, K. E., & Rice, R. E. (2013). Digital divides from access to activities: Comparing mobile and personal computer Internet users. *Journal of Communication*, 63(4), 721-744.
- Ponte, C., Jorge, A., Simões, J. & Cardoso, D. (2012). *Crianças e Internet em Portugal*. Coimbra: Minerva Coimbra
- Ponte, C., Simões, J., Batista, S., Castro, T. & Jorge, A. (2017). *Crescendo entre ecrãs. Usos de meios electrónicos por crianças (3-8 anos)*. Lisboa: ERC
- Simões, J. (2012) Mediações dos usos da internet. Resultados nacionais do inquérito EU Kids Online. In Ponte, C., Jorge, A., Simões, J. & Cardoso, D. (2012). *Crianças e Internet em Portugal*. Coimbra: Minerva Coimbra, pp. 121-144
- Simões, J., Ponte, C., Ferreira, E. & Doretto, J. (2014) *Crianças e Meios Digitais Móveis em Portugal. Relatório nacional do estudo Net Children Go Mobile*. Lisboa. CESNOVA
- Smahel, D., Helsper, E., Green, L., Kalmus, V., Blinka, L., & Ólafsson, K. (2012). Excessive Internet Use Among European Children. London: EU Kids Online. Available at <http://eprints.lse.ac.uk/47344/>
- Van Deursen, A., Helsper, E.J. & Eynon, R. (2014). *Measuring Digital Skills. From Digital Skills to Tangible Outcomes project report*. Available at: www.oii.ox.ac.uk/research/projects/?id=112
- Vandonick, S., d'Haenens, L., & Roe, K. (2013). Online risks: Coping strategies of less resilient children and teenagers across Europe. *Journal of Children and Media*, 7 (1), 60-78.
- Vincent, J., & Fortunati, L. (2009). *Electronic Emotion: The Mediation of Emotion via Information and Communication Technologies*. Oxford: Peter Lang.